

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM

Luís Ricardo Rodrigues Pires

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO USO DA PREPOSIÇÃO “EM” NO
MUNICÍPIO DE OURO PRETO (MG)**

Mariana - MG

2015

Luís Ricardo Rodrigues Pires

**UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DO USO DA PREPOSIÇÃO “EM” NO
MUNICÍPIO DE OURO PRETO (MG)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Linguagem e Memória Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves.

Mariana – MG

2015

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P667e Pires, Luis Ricardo Rodrigues.
Um estudo sociolinguístico do uso da preposição "em" no município de
Ouro Preto (MG). [manuscrito] / Luis Ricardo Rodrigues Pires. - 2015.
77 f.: il.: color.. + Quadro.

Orientador: Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro
Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras:
Estudos da Linguagem.
Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Preposições. 2. Linguagem e línguas - Variação. 3. Ouro Preto (MG).
I. Gonçalves, Clézio Roberto. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III.
Título.

CDU 81'42

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560



Luis Ricardo Rodrigues Pires

Um estudo sociolinguístico do uso da preposição “em” no município de Ouro Preto (MG)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras. Aprovada em 20 de agosto de 2015 pela Comissão Examinadora abaixo assinada.



Profa. Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho
UNIMONTES



Profa. Dra. Ana Paula Antunes Rocha
UFOP



Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves
Orientador - UFOP

À minha mãe, Ivanice, por ser o meu porto seguro em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar o meu caminho.

Aos meus pais, Geraldo (*in memoriam*) e Ivanice, por sempre me estimularem e me apoiarem em todas as minhas decisões.

Ao meu caro amigo e irmão de alma Edson, pela eterna e intensa amizade que nos une.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras, especialmente à secretária Lúcia Simplício, por todo o apoio e a paciência durante o curso.

Ao meu orientador, Clézio Gonçalves, por toda a dedicação dispensada durante a pesquisa e por toda a compreensão nos momentos difíceis.

À Profa. Ana Paula Antunes Rocha, pela leitura atenta e pelas colaborações preciosas no texto do Exame de Qualificação.

Aos colegas de mestrado, especialmente à amiga Verônica Barçante, pela troca de experiências e pelo consolo mútuo nos momentos de apreensão.

Aos amigos que me apoiaram e me estimularam durante todo este período, os quais não serão aqui listados já que, por um lapso, poderia ser cometida uma grande injustiça. No entanto, todos eles sabem do precioso valor que têm em minha vida.

Aos informantes que contribuíram com a coleta de dados, sem os quais este trabalho não teria se concretizado.

Enfim, a todos aqueles que vibraram para que este ideal se concretizasse: **MUITO OBRIGADO!**

Tarado “ni” você
Tarado, tarado, tarado
Tarado, tarado, tarado
Tarado, tarado, tarado
Tarado, tarado
Tarado “ni” você
Tarado “ni” você

“Ni” mim
No carnaval
“Ni” tudo
“Ni” todo mundo nú
Deixa eu gostar de você

(Tarado ni você – Caetano Veloso)

RESUMO

Esta dissertação analisa o uso da preposição “em” na fala de moradores do município de Ouro Preto (MG) a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. São, para tanto, abordados os seguintes temas: a) a análise da variação no uso da preposição “em” na fala de moradores de Ouro Preto (MG); b) a observação do uso da preposição “ni” como uma variante da preposição “em”; c) a discussão de algumas hipóteses relativas ao surgimento da variante “ni”, à sua incorporação ao Português Brasileiro, bem como à estigmatização linguística da qual é alvo. O estudo parte da análise do estatuto gramatical das preposições, em especial da preposição “em”, nas gramáticas normativa, histórica e descritiva. No plano dos estudos linguísticos, são analisados alguns trabalhos desenvolvidos na perspectiva da Sociolinguística Variacionista sobre o uso das variantes “em” e “ni”. As hipóteses sobre o surgimento da variante “ni” discutidas nesta dissertação foram identificadas em trabalhos realizados por Cunha (1960), Carvalho e Nascimento (1984) e Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009). O *corpus* é composto por 16 informantes nascidos no município de Ouro Preto (MG), os quais foram agrupados de acordo com as seguintes variáveis extralinguísticas: gênero, faixa etária e escolaridade. Após a coleta dos dados, a partir da gravação de entrevistas sociolinguísticas, transcrição e análise do *corpus*, foram identificadas 557 ocorrências da preposição “em” (e de suas formas contraídas com artigo ou pronome) e da forma “ni”. Constatou-se, a partir da análise, que o uso das variantes não é necessariamente condicionado por fatores extralinguísticos, mas, sim, por aspectos linguísticos, como o traço semântico e o tipo de verbo que ocorre na elocução. Quanto à forma “ni”, embora sua ocorrência no *corpus* tenha sido bastante reduzida, constatou-se que seu uso se dá em situações de maior informalidade e, conseqüentemente, menor monitoramento linguístico.

PALAVRAS-CHAVE: preposição; em; variação linguística; Ouro Preto (MG).

ABSTRACT

This study analyzes the use of the Brazilian Portuguese preposition “em” in the speech of the inhabitants of the city of Ouro Preto, Minas Gerais, from the theoretical-methodological assumptions of the Variationist Sociolinguistics. The following themes are therefore addressed: a) the analysis of the variation in the use of the preposition “em” in the speech of residents of Ouro Preto ; b) the use of the preposition “ni” as a variant of the preposition “em”; c) the discussion of some hypotheses regarding the emergence of the variant “ni”, its incorporation into Brazilian Portuguese, as well as the linguistic stigma of which is targeted. The component of focus is the analysis of the grammatical status of the prepositions, in particular that of the preposition “em” in the normative, historical and descriptive grammars. In terms of linguistic studies, some works developed in the perspective of variationist sociolinguistics on the use of the variants “em” and “ni” are also analyzed. The hypotheses about the emergence of “ni” discussed in this study were identified in work carried out by Cunha (1960), Carvalho and Nascimento (1984) and Lucchesi, Baxter and Ribeiro (2009). The corpus consists of 16 informants who were born in the town of Ouro Preto, which have been grouped according to the following extra linguistic variables: gender, age group and schooling. After collecting the data from the recording of sociolinguistic interviews, transcription and analysis of the corpus, 557 occurrences of the preposition “em” (and their contracted forms with article or pronoun) besides the “ni”. It was noted from the analysis that the use of variants is not necessarily conditioned by extra linguistic factors, but rather by linguistic aspects as semantic mapping and the type of verb that occurs in the elocution. As to “ni”, although its occurrence in the corpus has been greatly reduced, it was noted that its use is given in more informal situations, and therefore less language monitoring.

KEYWORDS: preposition; “em”; linguistic variation; Ouro Preto, Minas Gerais.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 População residente, por cor ou raça	19
Quadro 2 Transição rural-urbana	42
Quadro 3 Perfil dos informantes	49
Quadro 4 Chave de transcrição	56
Quadro 5 Distribuição das variantes no corpus.....	58
Quadro 6 Classe gramatical que antecede a variante.....	59
Quadro 7 Distribuição do traço semântico	61
Quadro 8 Predicação verbal	62

LISTA DE ABREVIATURAS

GN – Gramática Normativa

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

Peul – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua

Unesco – Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

PIB – Produto Interno Bruto

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

Nurc/SP – Projeto da Norma Urbana Oral Culta da Cidade de SP

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Pressuposto Sociolinguístico Geral.	41
Figura 2 Localização de Ouro Preto no estado de Minas Gerais.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – O OBJETO DE ANÁLISE: A PREPOSIÇÃO “EM”	21
1.1 A preposição "em" nas gramáticas	22
1.2 A preposição "em" em alguns estudos realizados	28
CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	34
2.1 Sociolinguística variacionista.....	35
2.2 Verbos transitivos adverbiais	42
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
3.1 Comunidade de Ouro Preto (MG)	466
3.2 Seleção dos sujeitos	49
3.3 Questionário sociolinguístico	52
3.4 Coleta de dados	55
3.5 Transcrição dos dados.....	56
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS.....	577
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICES	75

INTRODUÇÃO



Este trabalho, *Um estudo sociolinguístico do uso da preposição “em” no município de Ouro Preto (MG)*, tem como objetivo geral analisar, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, a variação no uso da preposição “em” na fala de moradores naturais da comunidade de Ouro Preto (MG). Para tanto, são analisadas as formas decorrentes das contrações da preposição “em” com artigo ou pronome e também a forma “ni”, utilizada correntemente no vernáculo dos falantes, com função prepositiva correspondente à desempenhada pela preposição “em”. Os objetivos específicos são: identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha de uma ou outra variante por parte dos falantes e, com relação à variante “ni”, verificar se se trata de um processo de variação livre, na qual o uso de ambos os itens ocorre livremente, na mesma proporção, ou se ocorre um processo de substituição linguística, conforme proposto por Castilho (2003), ao afirmar que a preposição “em” será substituída por “ni”. São exemplos dos referidos usos:

- (1) “... a gente ia lá *em* Rodrigo Silva catar topázio...” [7FSBNMA8]
- (2) “...eu lembro da época que as pessoas ficavam *ni* praça.” [16MSBAM52]

No exemplo (1), observa-se o uso da variante “em”, conforme prescrito pela Gramática Normativa, doravante GN. Em (2), observa-se o uso da variante “ni”, realizada com relativa frequência na oralidade. Em ambos os casos, ocorre a introdução de adjunto adverbial; item sintático geralmente introduzido por preposição, que representa a expansão do sentido de um verbo, adjetivo ou advérbio. A variante “ni”, embora tenha seu uso restrito à oralidade, por se tratar de uma variante não padrão, é encontrada em alguns textos escritos, principalmente por escolares, fator que pode ser explicado como possível efeito da interferência da fala no processo de aquisição da linguagem escrita.

Este trabalho mostra que estudos desenvolvidos por pesquisadores que tomam como objeto de investigação a variação no uso das formas “em” e “ni” nos estados do Rio de Janeiro, Bahia e Sergipe constataram que tal variação é condicionada por fatores linguísticos e sociais. Ferrari (2009), ao tratar da variação na comunidade do Morro dos Caboclos (RJ) a partir dos preceitos teóricos da semântica cognitiva, da sociolinguística variacionista e da teoria de redes sociais, identificou que o uso da forma “ni” é motivado, sobretudo, por fatores pragmáticos. Descartou-se, a partir da análise, a influência de fatores extralinguísticos. Paes (2013), ao analisar a comunidade de Vitória da Conquista

(BA), constatou que, além de fatores linguísticos, como valor semântico e gênero do sintagma, é também relevante o fator extralinguístico escolaridade para a realização da variante “ni”. Por fim, Albuquerque e Nascimento (2013), ao analisarem dados de fala de algumas cidades do interior do Sergipe, pressupõem que o uso da forma “ni” seja favorecida por fatores linguísticos, como substantivo próprio após o locativo e complemento verbal próximo, além de fatores extralinguísticos, como gênero feminino, faixa etária avançada e baixo nível de escolaridade.

Embora trate-se de um pesquisa quantitativa, também julgou-se importante verificar na literatura linguística algumas hipóteses sobre o surgimento e incorporação da variante “ni” ao português brasileiro. Assim, julgamos procedentes as teorias aventadas a seguir, nos seguintes trabalhos:

1. Cunha (1960) supõe que a forma “ni” tenha surgido em função do paradigma do grupo simétrico de/do/da, ao qual se assemelhou o grupo assimétrico em/no/na. Dessa forma, tem-se no lugar do “em” a forma “ni”. Embora seja uma hipótese bastante plausível, pouco se discute a respeito.
2. Carvalho e Nascimento (1984), ao discutirem os metaplasmos por transposição, lançam luz sobre outra possibilidade. Os autores afirmam que “os metaplasmos por transposição podem-se dar por deslocamento de fonema ou de acento tônico da palavra”. Assim, no caso da “metátese”, que é a transposição de um fonema na mesma sílaba, podem ocorrer deslocamentos como: pro > por; semper > sempre; inter > entre.

Assim, por analogia, pode-se pressupor que a forma “ni” tenha se originado a partir da metátese da forma “em”. Na oralidade do Português Brasileiro - PB, inúmeros são os casos de metátese, os quais não devem ser concebidos simplesmente como erros gramaticais ou como desvios no processo de aquisição da linguagem. Conforme aponta Hora (2007, p. 178):

A metátese, processo que, em algumas línguas, envolve uma inversão na ordem linear dos sons sob certas condições, sempre foi considerada como sendo um fenômeno irregular, esporádico e restrito a erros de fala ou à linguagem da criança. A análise de manuscritos dos séculos XVII a XXI, entretanto, com a perspectiva de um estudo da fonologia diacrônica do PB, evidencia a metátese como um fenômeno muito mais produtivo na língua do que se supõe.

3. Outra hipótese, proposta por Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009), ao tratar dos mecanismos de expansão linguística envolvidos na transmissão irregular, considera a possibilidade de empréstimo linguístico a partir da aquisição de um crioulo de base lexical portuguesa por africanos recém-chegados ao Brasil.

Os autores, na obra *O português afro-brasileiro*, consideram a incorporação da forma “ni” ao PB resultado do contato linguístico entre as diversas comunidades de fala presentes no Brasil durante o processo de colonização do território. No contexto de formação do PB, é significativa a contribuição dos indígenas que aqui habitavam e, sobretudo, dos negros trazidos da África. A contribuição desse último grupo reflete-se não só no plano lexical, mas também nos planos fonético-fonológico e morfossintático.

Tratando, especificamente, da incorporação da variante “ni” ao PB, os referidos autores tecem uma importante observação:

Outros exemplos ocorrem quando uma mesma preposição provinda da L-sup passa a desempenhar funções que na L-sup são desempenhadas por duas ou mais preposições. Tal é o caso da preposição ni (< port. em), que indica tanto localização (“lugar onde”) como direção (“lugar para onde”) no português dos tongas e em variedades L2 do português de Angola (BAXTER, 2003) e Moçambique (GONÇALVES, 1996, 2004) (*apud* LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, p. 114-115, 2009).

Lucchesi (2001), ao discutir a polarização da realidade sociolinguística brasileira, destaca que o processo de imposição da língua portuguesa a centenas de línguas indígenas e africanas, então faladas no território brasileiro, foi fator preponderante para a aquisição de uma língua deficitária por parte das camadas menos privilegiadas. Essas classes não viam função no aprendizado do português, uma vez que seu uso era restrito a situações formais. Em contrapartida, as camadas mais abastadas concebiam a língua como um laço com Portugal e, conseqüentemente, com toda a Europa, sendo seu correto uso um ato meritório, restrito apenas às elites. O PB, desde a sua gênese, sofre esse efeito polarizador, tendo de um lado um uso culto da língua e de outro, um uso popular.

Assim, configurou-se um quadro de intenso contato linguístico, no qual diversas línguas eram faladas em situações informais e o português era a língua oficial, que deveria ser obrigatoriamente assimilada por nativos e escravizados. Tal assimilação ocorria de forma espontânea, sem qualquer preocupação com as alterações que se davam na estrutura da língua. Logo, inúmeras foram as contribuições advindas do contato linguístico para a

formação do PB, o que nos leva a tomar como referência neste trabalho a proposta de Lucchesi, Baxter & Lopes (2009).

Poder-se-ia, ainda, pressupor a incorporação da variante “ni” como resultado do contato linguístico do PB com outras línguas, como o japonês, idioma em que a forma “ni” desempenha função prepositiva semelhante à da forma “em”. Outras línguas, como o francês e o espanhol, também apresentam a forma “ni” em suas gramáticas. No entanto, desempenhando a função conjuntiva, equivalente à forma “nem” no PB.

Contudo, é sabido que o contato do PB com essas línguas não foi tão intenso e duradouro como aquele estabelecido junto às línguas de origem africana. Embora no processo de colonização do Brasil, junto aos portugueses, tenham adentrado e se estabelecido em território brasileiro povos de diversas origens, é registrado um expressivo contingente de negros, que em alguns momentos chegam a representar mais da metade da população brasileira, conforme apontam os registros históricos. No apogeu do Ciclo do Ouro, registra-se no território de Minas Gerais, de acordo com o que afirma Holanda (2001), uma população de 96.000 habitantes de origem ou descendência africana.

Dessa forma, o contato entre as línguas do grupo africano e o PB – este ainda em processo de formação, já que à língua trazida da Europa foram sendo acrescentados elementos de origens diversas (vale a pena lembrar das contribuições de línguas como o árabe, o francês e as línguas indígenas ao PB) – possibilitou a incorporação de itens linguístico de diversas naturezas ao PB. Conforme aponta Pessoa de Castro (2005, p. 5):

Iniciado o tráfico entre Brasil e África, já na primeira metade do século XVI observou-se a confluência de línguas negro-africanas com o português europeu antigo. A conseqüência mais direta desse contato linguístico e cultural foi a alteração da língua portuguesa na colônia sul-americana e a subsequente participação de falantes africanos na construção da modalidade da língua e da cultura representativas do Brasil.

É, também, de fundamental importância refletir sobre como se deu o contato do africano recém-chegado à colônia com a língua falada. Na maioria das vezes, os escravizados aprendiam a língua de modo superficial, restringindo seu uso às situações de comunicação com os seus senhores. Assim, houve uma assimilação precária do português europeu, doravante PE, o qual era ensinado às novas levas de africanos que paulatinamente adentravam o território brasileiro. Na ausência de uma gramática, já que todo o processo de ensino-aprendizagem se dava através do meio oral, ocorriam alterações que foram se incorporando à estrutura do PB.

Desse modo, considerando as inúmeras contribuições dos africanos na constituição da língua e da cultura brasileira, tomaremos como hipótese principal, neste trabalho, a transmissão linguística irregular como fator responsável pela incorporação da forma “ni” ao PB.

Partindo das hipóteses arroladas, esta pesquisa tem como objetivo principal, conforme já se disse, analisar, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, a variação no uso da preposição “em” na fala de moradores naturais da comunidade de Ouro Preto (MG).

Para tanto, procedeu-se à coleta de dados orais, obtidos em entrevistas sociolinguísticas nas quais foram analisados os fatores linguísticos e os fatores sociais que favorecem o uso de uma e/ou outra variante. A amostra analisada foi estratificada a partir do agrupamento de potenciais informantes que se dispuseram a participar da pesquisa, considerando estes fatores extralinguísticos: faixa etária, gênero e escolaridade.

É importante destacar a estigmatização linguística sofrida pela variável “ni”, já que se trata de uma variante não padrão, portanto, alvo de rejeição por grande parte dos falantes, mesmo aqueles que a realizam em sua fala espontânea. Conforme propõe Tarallo (1986), as variantes podem ser classificadas a partir dos seguintes caracteres: padrão/não padrão, conservador/inovador, de prestígio/estigmatizado. Neste trabalho, a forma “ni” será analisada como uma variante não padrão e estigmatizada. Já com relação ao seu caráter conservador/inovador, acreditamos tratar-se de uma questão a ser discutida em um estudo específico, já que demandaria a incursão no campo da linguística histórica, subárea que não é abordada nesta pesquisa.

Para a seleção dos 16 sujeitos procedeu-se à aplicação de Fichas Sociais, as quais possibilitaram identificar o perfil ideal do informante. Na entrevistas, foram adotados critérios específicos e seus dados receberam tratamento quantitativo, os quais serão detalhados no capítulo que trata da metodologia.

A seguir, procura-se justificar a relevância desta pesquisa. Para isso, começa-se a partir da vinculação desta proposta de estudo à linha de pesquisa Linguagem e Memória Cultural, a qual ocorre a partir do entendimento de que as formas em uso no PB, sobretudo aquelas que passam pelo fenômeno da variação linguística, devem ser registradas a fim de fornecer bases para futuras pesquisas que tenham correlação com o assunto. É de suma

importância, também, a constituição de um inventário dos usos linguísticos em voga que, por sua vez, integram a memória do português brasileiro. Assim como os registros realizados pelos atlas linguísticos, as pesquisas sociolinguísticas contribuem significativamente para os estudos de variação e para conhecimento da estrutura do PB.

Nessa perspectiva, pensa-se a língua como expressão da identidade de seus falantes enquanto membros de uma mesma comunidade linguística. Calvet (2002, p. 116), ao discutir tal conceito, destaca que Labov “considerava a comunidade linguística não como ‘um conjunto de falantes empregando as mesmas formas’, mas como ‘um grupo de falantes que têm em comum um conjunto de atitudes sociais para com a língua’”.

Dessa forma, enfatiza-se ainda mais o caráter da língua como elemento constituidor da identidade de um povo. Para além da sua função comunicativa, a língua espelha atitudes, valores e visões de mundo de seus falantes.

A escolha pela comunidade de Ouro Preto (MG) deve-se à sua importância no cenário histórico e artístico nacional. A cidade, fundada no auge da exploração aurífera, figurou como protagonista em notáveis acontecimentos históricos, como a Guerra dos Emboabas e a Inconfidência Mineira, sendo, inclusive, capital do estado de Minas Gerais até o fim do século XIX, ocasião em que a cidade sofreu um grande esvaziamento populacional devido à mudança da administração estadual para a cidade de Belo Horizonte.

Ouro Preto (MG) é internacionalmente reconhecida como Patrimônio Histórico da Humanidade, título concedido pela Organização das Nações Unidas para a educação ciência e cultura - Unesco no ano de 1980. Tal título é fruto de sua participação na constituição da nação brasileira e do importante conjunto arquitetônico barroco que se encontra instalado na cidade, configurando um legítimo museu a céu aberto. Importante destacar que, mesmo sendo uma cidade detentora de meritória história, foi apenas com a vinda dos modernistas à cidade que nasceu a proposta de valorização e divulgação da cultura e da arte ouro-pretana. Assim, Ouro Preto (MG) projetou-se no cenário artístico e histórico mundial.

São relevantes para este estudo, sobretudo, alguns aspectos relativos à composição da população de Ouro Preto (MG). No papel de grande centro minerador, a cidade recebeu expressivo contingente de africanos que para aqui foram trazidos a fim de

trabalhar na extração mineral. Assim, formou-se uma comunidade na qual há predomínio da população negra, o que tem como consequência não apenas a manutenção de tradições e costumes de origem africana – como a existência de irmandades de santos de origem negra e de festas tradicionais como congado e folia de reis –, mas também forte influência no perfil linguístico dos falantes da comunidade. São perceptíveis algumas peculiaridades na fala de alguns moradores de Ouro Preto (MG), incluindo nestas o uso da forma “ni”, objeto deste estudo.

No quadro a seguir, observa-se o predomínio da população negra e parda no município de Ouro Preto, as quais juntas representam mais do que o dobro da população branca. A título de comparação, seguem os dados referentes à população brasileira, a qual apresenta equivalência entre o número de habitantes brancos e habitantes negros e pardos.

Quadro 1 População residente, por cor ou raça

	Cor ou raça						
	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
Brasil	190.755.799	90.621.281	14.351.162	2.105.353	82.820.452	821.501	36.051
Ouro Preto (MG)	70.281	22.572	10.363	939	36.147	261	-

Fonte: IBGE (2010).

Ainda na perspectiva da sociolinguística, é interessante observar a constante influência que a comunidade sofre em decorrência da presença de turistas. Segundo levantamento da Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio, a cidade recebe em média 30.000 visitantes/mês, o que contribui de forma expressiva para o desenvolvimento da economia local, além de propiciar intenso intercâmbio cultural entre os envolvidos na atividade turística. O turismo destaca-se como principal atividade econômica, estando grande parte dos ouro-pretanos envolvidos com algum serviço dessa natureza. É inegável que o frequente contato com o elemento exterior contribua para a mudança do perfil da população, o que reflete, também, no perfil linguístico dos moradores.

A escolha da variável analisada nesta pesquisa se deu após período de observação impressionística, quando fora constatado que os itens “em” e “ni” são utilizados correntemente, na oralidade, pelos falantes residentes na sede do município de

Ouro Preto (MG), enquanto variantes co-ocorrentes. Também foram identificadas na literatura pesquisas sobre o uso da forma “ni” em outros estados brasileiros, conforme já discutido anteriormente.

Faz-se também importante o estudo em questão, considerando a contribuição que este proporcionará àqueles já concluídos, além dos estudos sobre a variante “ni” e sobre a fala ouro-pretana que ainda não de se realizar.

Com relação à sua estrutura, este trabalho encontra-se organizado da seguinte forma:

No Capítulo 1, é apresentado o estatuto gramatical das preposições. Para tanto, foi realizado um apanhado em gramáticas normativas, descritivas e históricas; além de um levantamento sobre os estudos sociolinguísticos que tomam como objeto de pesquisa a variação das formas “em” e “ni” .

No Capítulo 2, é apresentada a fundamentação teórica que deu base ao desenvolvimento desta pesquisa. Discute-se, no capítulo em questão, a Teoria da Variação, destacando os aspectos que foram cruciais ao estudo e análise do fenômeno abordado. São também discutidos os verbos transitivos adverbiais, os quais foram de grande importância para a análise dos dados.

No Capítulo 3, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a consecução dos objetivos propostos. Para tanto, é apresentada a contextualização histórica da localidade pesquisada, bem como a apresentação dos procedimentos utilizados para a seleção da localidade e dos sujeitos, para a elaboração do questionário sociolinguístico, a realização da coleta e a transcrição dos dados.

No Capítulo 4, é apresentada a análise dos dados. Faz-se, para tanto, a classificação das ocorrências encontradas na coleta de dados, visando traçar o caráter sintático e semântico das orações em que ocorrem as preposições em análise. Ainda neste capítulo, são correlacionadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas, a fim de identificar quais são os fatores condicionadores da variação.

Por fim, no Capítulo 5, são apresentadas as considerações finais, nas quais são apresentadas as conclusões obtidas a partir da análise empreendida.

**CAPÍTULO 1 – O OBJETO DE ANÁLISE: A
PREPOSIÇÃO “EM”**



1.1 A preposição “em” nas gramáticas

Segundo Perini (2007, p. 73), “preposições são palavras de valor relacional que indicam movimento no espaço físico e outras relações desta originadas.” Entretanto, essa definição aproxima-se daquela proposta pela GN, na qual as preposições e as conjunções apresentam a mesma função sintática, diferindo-se apenas com relação aos elementos que interligam, na medida em que “preposições ligam palavras e sentenças apenas por subordinação, enquanto as conjunções ligam palavras e sentenças por coordenação, subordinação ou correlação” (CASTILHO, 2010, p. 583).

A seguir, são apresentadas algumas definições do fenômeno preposicional nas gramáticas normativa, descritiva e histórica. No caso dos estudos que tratam da análise de cada preposição separadamente, destacamos as informações referentes à preposição “em”, em 12 trabalhos:

- Figueiredo (1955, p. 132-133), em sua *Gramática Sintética da Língua Portuguesa*, informa que

com a preposição *em* dá-se uma circunstância, que tem sido diversamente avaliada.

Assim como em vez de *em o tempo*, mais geralmente, se diz *no tempo*, há professores que naquele *no* veem a contracção da preposição *em* e do artigo *o*. É conceito arbitrário, visto que em *no* nada ficou da preposição *em*.

Outros, com mais alguma autoridade, entendem que *no* é variante antigo do artigo *o*. Também não pode ser, porque o artigo não pode ter força de preposição.

A formação de *no, na, nos, nas*, tem outro fundamento.

A forma antiga da preposição *em*, era *en*, corrente no português galiziano e, já depois dele, mantida sempre no castelhano.

O *n* da preposição *en* feria a vogal imediata, pronunciando-se o *en o* como se fosse *eno*, e o mesmo sucede no castelhano. De maneira que os antigos reuniam os dois elementos *en o, en a, en os, en as*, e escreviam *eno, ena, enos, enas*.

Ora, assim como em *abatina, amavioso, abadejo, enamorada*, etc., foi caindo, através dos tempos, a vogal inicial, ficando-nos *batina, mavioso, badejo, namorado*, etc., o mesmo sucedeu nas formas *eno, ena, enos, enas*, ficando-nos *no, na, nos, nas*.

- Bueno (1958, p. 400-401), na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, indica alguns usos da preposição “em”, os quais serão apresentados a seguir:

Lugar onde, aonde: Estar no colégio – Viver no convento – Estávamos na cidade – Meter-se na cama – Entrar na casa.

Alteração: Mudar água em vinho – Traduzir em português – Fazer em pedaços – Fazer em cinzas.

Tempo: Na calada da noite – No alvorecer da manhã – Em surgindo o sol.

Estado: Estar em paz, em guerra, na pindaíba (sem dinheiro) – Ferro em brasa.

Referência: Decididos em atacar – Firmes no ataque – Temperantes na mesa – Sóbrios em beber.

Estimação: Ter em pouco – Ter em muito alguém – Avaliaram em dez contos de réis.

Divisão: Divide-se o Brasil em vinte Estados e em vários territórios.

Modo: Escrever em versos – Falar em francês – Dizer em alta voz – Passear em automóvel.

- Almeida (1963, p. 290-293) afirma que

preposição é, pois, uma palavra invariável que tem por função ligar o complemento à palavra completada. Tais palavras se denominam preposições (do lat. *prae* = diante de, mais *positionem* = posição) pelo fato de porem na frente de uma palavra outra que a completa.

O gramático tece algumas considerações com relação ao uso da preposição “em”, conforme abaixo:

Não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica *lugar onde*: “Vou ao colégio” – e não: “Vou no colégio”. – Só se emprega *em* com verbos de movimento, quando se associa a ideia de *lugar onde*; assim é que se pode dizer “lançar *no mar*”, “ingressar *no seminário*” – não obstante esses verbos indicarem movimento. – Note-se que o verbo *chegar* não admite a preposição *em*. Deve-se dizer “chegar *a* um lugar”, e não “chegar *em*”: chegamos *ao* Rio, cheguei *à* casa dele. O mesmo se diga do substantivo *chegada*: por ocasião de sua chegada *a* Recife (e não: chegada *em* Recife.)

Certos escritores têm o tolo escrúpulo de *sempre* escrever “em o novo”, “em o nosso”, “em a nave”. Pode-se perfeitamente dizer “no novo”, “no nosso”, “na nave”, sem cogitar em falta de eufonia na repetição *no-no, na-na*. O *em* só não se combina com o *o*, quando este *o* é objeto ou sujeito do verbo: “Fêz bem *em os* noticiar”.

Não se deve empregar a preposição *em* nas expressões “éramos *em três*” – “íamos *em quatro*”, porquanto essas construções constituem italianismos; “éramos três”, “íamos quatro” é como se deve dizer em português.

Ensino de todo falso, inconscientemente propalado de microfones, de salas de aula e de livros, é este: Deve-se construir “Moro *à* rua Tal” e não “Moro na rua Tal” porque – dizem os falhos doutrinadores – “morar na rua Tal” é morar “no meio” dessa rua.

- Brandão (1963, p. 617-620), na obra *Sintaxe Clássica Portuguesa*, elenca diversas circunstâncias que a preposição “em” pode exprimir, tais como:

Movimento para o interior de: “O Espírito Santo virá *EM* ti.”

uso já arcaizado: “Passando *EM* África todo poder e nobreza deste reino, a sepultou com sua pessoa nos campos de Alcácer.”

Lugar onde: "... houve NAS terras de além Douro geral esterilidade."
 Situação medial (= no meio de): "pereceu NAS chamas."
 Tempo em que e durante o qual: "Era, pois, NUMA dessas noites..."
 Termo (= no fim de): "Ele aqui estará EM três meses."
 Estado, modo de ser: estrada EM declive.
 Modo: "Todo o cortejo... se encaminha / EM passos lentos à lateral da capela."
 Conformidade: "NO místico legislador da Magna Grécia e NO sábio de Clazômena, o universo manifesta-se como unidade, lei, ordem, harmonia."
 Semelhança, forma, feitio, aparência: "O Pôrto ergue-se EM anfiteatro sobre o esteiro do Douro."
 Causa: "... o partido dos castelhanos se engrossava NA esperança do socorro e riquezas que prometiam de Espanha."
 Fim: "... EM satisfação disto lhe deram um alquicé roto"
 Meio: "Ali lhe pagareis a vida... EM lhes dardes vida eterna."
 Coincidência temporal, ocasião: "... chegou cansado NO fervor do meio-dia."
 Referência, limitação, ponto de vista (= quanto a, no tocante a, com relação ou respeito a): "Por temerizar os mouros mostrava-se mui pomposo NO traje, NO assento e NOS atos de sua pessoa".
 Espécie, caráter distintivo de uma atividade ou profissão: doutor EM medicina, mestre EM artes.
 Continente: vender vinho EM garrafas, comprar cervejas EM barris.
 Ordem: EM primeiro, EM último lugar, etc.
 Divisão, repartição: vender peixe EM postas, vender melão EM talhadas, drama EM cinco atos.
 Preço, avaliação: avaliar algo EM duzentos cruzeiros, estimar o peso EM trinta quilos.

- Said Ali (1964, p. 211-212), na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, afirma que

a preposição "em" exprime interioridade com referência tanto a lugar como a tempo. Mas não se limita a isto o seu emprego. Pode denotar mera superposição (pôr pé em terra), estado de alguma cousa (árvore em flor, ouro em pó), divisão, distribuição (obra em dous tomos), etc.

Ocorre a cada momento no discurso para significar o lugar onde as cousas se passam. Menos conspícuo é o emprego de *em* com acepção diretiva; mas é justamente esta tão importante que sem o seu conhecimento não saberíamos explicar a presença de *em* em bom número de locuções.

Dizeres que signifiquem "lugar para onde", se constroem em português geralmente com *a* ou *para* e, às vezes, *contra*. Usa-se todavia *em* com evidente sentido diretivo junto aos verbos *lançar*, *meter*, *pôr*, *deitar*, *admitir*, *sair*, *saltar*, *sair em terra*, *passar e passar-se em* (para algum país) e outros.

Podem-se, sem dúvida, imaginar com vários destes verbos situações de "lugar onde", isto é, casos em que o complemento significa o ponto em que a ação se efetua, e não aquêle para o qual ela se encaminha ou destina.

Nas dicções *crer em*, *pensar em*, *meditar em*, *refletir em* e outros congêneres, a preposição evidentemente significa a direção da crença, do pensamento, da meditação, etc.

As locuções *em honra de*, *em prêmio de*, *em castigo de*, *em favor de*, *em pena de*, *em pago de*, *em recompensa de*, *em louvor de* são formações analógicas creadas segundo o tipo latino *in honorem alicujus*, em que a preposição denota o fim que se tem em vista, o objetivo a que algum ato se destina, o efeito que dele deve resultar. Vem pois a preposição *em* usada aqui com sentido diretivo. Verbos que significam "passar de um estado a outro", como *transformar*, *converter*, etc., têm, além do objeto direto, um complemento formado com a preposição *em*. A construção latina a que este complemento se filia é *in* com acusativo, usando-se este caso, por significarem tais verbos movimentos encaminhados em determinado sentido.

Nas frases *em comprimento, em largura, em altura, em profundidade* tem a preposição a mesma explicação que nas frases latinas *in longitudinem, in latitudinem*, as quais se usaram com acusativo de acordo com o sentimento de “lugar para onde” seguem as linhas de medição.

- Amaral (1976, p. 80), na obra *O Dialeto Caipira*, ao tratar da “circunstância de lugar”, informa que “o lugar *para onde* é indicado com auxílio da preposição **em**: *Eu fui im casa – Ia na cidade – Joguei a pedra n’água – Chegô na janela – Vortô no sítio*”.

O autor ainda adverte que

deste fato, comum a todo o Brasil, e ao qual nem sempre escapam os próprios escritores que procuram seguir modelos transoceânicos, se encontram numerosos exemplos em antigos documentos da língua, e ainda há vestígios nas expressões usuais: **cair no laço, caí em mim, sair em terra** (J. Mor., cap. XXIV, 1º vol.).

Segundo Amaral, a preposição “em”, bem como a preposição “a”, é também empregada para introduzir complemento de tempo, como mostram os seguintes exemplos: “**Fui lá numa** segunda-feira”, “**No** dia 5 ele virá”.

- Conforme Cunha e Cintra (1985, p. 542), “chamam-se **PREPOSIÇÕES** as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (ANTECEDENTE) é explicado ou completado pelo segundo (CONSEQUENTE)”. Os autores classificam as preposições segundo a forma – simples e compostas – a e significação – movimento e situação, que podem ser considerados em referência ao espaço, ao tempo e à noção.
- De acordo com Bechara (1997, p. 155-156), preposição é “a expressão que, posta entre duas outras, estabelece uma subordinação da segunda à primeira”. O gramático também apresenta as noções de subordinantes – ou antecedentes – e de subordinados – ou consequentes. Morfologicamente, o subordinante é representado por um substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição e o subordinado é constituído por um substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo) ou advérbio.
- Rocha Lima (2001, p. 180) conceitua preposições como “palavras que subordinam um termo da frase a outro – o que vale dizer que tornam o segundo dependente do primeiro”. Em tempo, o autor estabelece as noções de “antecedente” e “consequente” – enquanto termos que, respectivamente, antecedem e sucedem a preposição – a fim de evidenciar a relação estabelecida entre ambos: “o sentido do primeiro é explicado ou completado pelo segundo”.

- Castilho (2010, p. 583), ao abordar o sintagma preposicional, na *Nova Gramática do Português Brasileiro*, propõe que

as preposições são palavras invariáveis que atuam como núcleo do sintagma preposicional, desempenhando as seguintes funções: (i) função sintática: ligação de palavras e de sentenças; (ii) função semântica: atribuição ao seu escopo de um sentido geral de localização no espaço; (iii) função discursiva; acréscimo de informações secundárias ao texto e organização do texto, no caso das construções de tópico preposicionado.

O autor esclarece que

a função sintática aproxima as preposições das conjunções; e por isso ambas as classes são reunidas sob a denominação geral de *nexos*. A diferença entre elas é que preposições ligam palavras e sentenças apenas por subordinação, enquanto as conjunções ligam palavras e sentenças por coordenação, subordinação ou correlação.

Nessa abordagem, seguindo o modelo proposto por Ilari et al (2008 *apud* CASTILHO, 2010, p. 588), as preposições simples são classificadas de duas maneiras: “mais gramaticalizadas” e “menos gramaticalizadas”.

As mais gramaticalizadas (i) podem mais facilmente ser amalgamadas a outros elementos linguísticos: *pelo, co’a, coce, ao, àquela, no, num, do, dum, disso, doce, pro, prum, praquilo, procê* etc.; (ii) possuem valor semântico mais complexo; (iii) podem funcionar como introdutoras tanto de argumentos como de adjuntos do verbo, e (iv) são mais frequentes que as menos gramaticalizadas”. Segundo Castilho, essa classificação “é mais sustentável que as complicadas classes das preposições essenciais/preposições acidentais, preposições primárias/preposições secundárias, comuns na literatura.

Ao tratar do desaparecimento de preposições, Castilho (2010, p. 590) esclarece que “quando uma preposição é substituída por outra, ambas convivem por algum tempo, até que uma delas desapareça. Esse é o grau zero da gramaticalização das preposições, fenômeno que ocorre igualmente com outras classes”.

Dentre as preposições que estão em processo de substituição no PB, merece destaque a substituição de *em* por *ni*, que é classificada como um caso de regularização morfológica. Castilho (2010, p. 590) afirma que “a preposição *em* dispõe duma forma de base, o ditongo nasal [ẽy] e das formas amalgamadas *no, na, num, numa*, de que *ni* representa uma sorte de neutralização da categoria de gênero”.

- Perini (2010, p. 311), ao examinar a classe na *Gramática do Português Brasileiro*, conceitua preposição como “uma palavra que se coloca antes de um SN de maneira que a sequência resultante é um **sintagma adjetivo** ou um **sintagma adverbial**”.

A título de exemplo, vale a pena analisar os seguintes enunciados apresentados pelo autor, no qual a incorporação da preposição “sem” mais o SN “uma palavra” resulta num adjunto com papel temático de modo, tal como o advérbio “silenciosamente”:

[1] A Beth saiu sem uma palavra.

[2] A Beth saiu silenciosamente.

As preposições que atribuem papel temático se denominam **preposições predicadoras**. Além dessa propriedade de atribuir papel temático (que lembra os verbos), as preposições também podem ter orações subordinadas a elas, e inclusive fazem exigências quanto ao modo verbal dessas orações (PERINI, 2010, p. 312).

[3] A pianista tocou um choro depois da sonata.

As preposições que ocorrem sem atribuir papel temático, o qual é atribuído pelo verbo, são denominadas “preposições funcionais”.

[4] A menina confia em todo mundo.

- Bagno (2011, p. 868-869), ao tratar da gramaticalização de preposições, traz informações sobre “em”:

Nas construções com verbos de *movimento e direção*, a também perde espaço diante de *para* e de *em*: *ir, vir, chegar, dirigir-se, rumar etc.*

No período de constituição da norma-padrão clássica literária do português (século XVI), ocorreu uma tentativa de delimitar de forma mais restrita o uso das preposições *a* e *em*. Tentou se reservar a preposição *a* para indicar *movimento, direção, destino*, enquanto a preposição *em* ficaria reservada para indicar *repouso, situação, localização*. Falo de *tentativa* porque, mesmo em autores do período chamado *clássico* (a partir do século XVI), ainda é comum a flutuação no uso das duas preposições.

Em *Os Lusíadas* (1572), de Camões, encontramos o uso de *em* com sentido de movimento:

Nalgum porto seguro de verdade /conduzir-nos, já agora, determina (II, 32)

Triste ventura e negro fado os chama / neste terreno meu [...] (V, 46)

Os cabelos da barba e os que descem / da cabeça nos ombros [...] (VI, 17)

Além disso, como sabemos, a língua trazida para as colônias portuguesas não foi a norma literária latinizada [...] mas sim a língua falada pelo povo, em suas diferentes variedades, na qual as formas mais antigas não tinham sofrido alteração e continuavam a ser usadas. Assim se explica o fato de até hoje a imensa maioria da população brasileira usar a preposição *em* com os verbos *ir, chegar, vir* e outros que expressam movimento.

Nas definições analisadas, predomina o caráter relacional das preposições, já que estas interligam termos de uma oração, atribuindo propriedades semânticas às palavras que relacionam.

1.2 A preposição “em” em alguns estudos realizados

Nesta seção são apresentados alguns estudos sociolinguísticos realizados sobre as preposições “em” e “ni”.

- Em estudo recente, Ferrari (2009), tomando como base as noções de variação linguística e redes sociais, investiga a variação no emprego dos locativos “em” e “ni”, além do comportamento de 13 variáveis fonéticas, na comunidade do Morro dos Caboclos, situada na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

A localidade apresenta um aspecto isolativo, em face das demais, sobretudo em função da dificuldade de acesso, fator que possibilitou um ambiente propício à observação das interferências do isolamento de alguns indivíduos no Morro, bem como interferências linguísticas, fruto do contato com outras regiões do Rio de Janeiro, na fala daqueles que lá trabalham.

A comunidade do Morro dos Caboclos apresenta similaridades com a Ilha de Martha's Vineyard, não somente por causa de seu caráter geográfico isolativo, mas também com relação ao perfil de seus habitantes. A partir de observações iniciais, verificou-se a existência de diferentes perfis de habitantes: os que preferem morar e trabalhar no Morro; os que trabalham na cidade, mas preferem morar no Morro; e os que preferem o trabalho e a vida na cidade.

A pesquisa leva em consideração que as escolhas linguísticas estão intrinsecamente associadas ao comprometimento dos falantes com os valores locais e, desse modo, além dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, foram também utilizadas as teorias fundamentadas nas noções de redes sociais, nas pesquisas etnográficas sobre a variação linguística, nos trabalhos que abordam a

língua como ato de identidade social e trabalhos sobre o contato e isolamento entre variedades linguísticas.

No entanto, são de extrema importância, no caso do estudo da variação no emprego dos locativos “em” e “ni” na comunidade do Morro dos Caboclos, os princípios de semântica cognitiva, sobretudo a noção de função pragmática.

Segundo Ferrari (2009, p. 77), “a noção de função pragmática estabelece que objetos de naturezas diferentes podem ser unidos por razões culturais, psicológicas ou localmente pragmáticas, de modo que se torne possível a referência a um objeto em termos de outro.”

O *corpus* de análise é constituído de gravação de fala de 40 informantes nascidos e criados na comunidade, divididos nos dois gêneros (masculino e feminino), e pertencentes às seguintes faixas etárias: 11-20, 21-30, 41-50, 51-60, 61-70 e 70 em diante.

Buscando romper com o “paradoxo do observador”, a metodologia apoiou-se no sistema de redes sociais dos indivíduos, o que possibilitou a inserção do entrevistador na comunidade como amigo dos informantes, tornando-se parte das relações sociais da comunidade.

Após o agrupamento dos informantes a partir de critérios que revelam o tipo de relação que estes mantêm com a cidade e com trabalho, lazer e atitude, constatou-se que o uso da preposição “ni” foi mais frequente entre indivíduos pertencentes ao grupo composto por aqueles que trabalham no Morro e descem até a cidade de uma a duas vezes por semana (em geral lavradores, que saem para comercializar seus produtos) e aqueles que raramente saem do morro. Assim, conclui-se que o relativo isolamento da comunidade contribui para a manutenção de alguns traços linguísticos.

Observou-se que as escolhas linguísticas dos falantes são influenciadas, principalmente, pelo grau de coesão da rede social, não sendo tão relevante a influência de outros fatores extralinguísticos, como faixa etária, uma vez que falantes de idades próximas apresentam comportamento linguístico distinto, o que se explica pelo grau de coesão social.

Segundo Ferrari (2009, p. 89), “deve-se observar que, por se tratar de variação, o uso de “ni” não se mostrou categórico na fala de nenhum dos informantes”, sendo que o uso da forma “ni” é motivado por três funções pragmáticas, quais sejam:

- (a) (PESSOA) → F1 → (LOCAL)
- (b) (LOCAL) → F1 → (OCUPAÇÃO SOCIAL)
- (c) (REGIÃO) → F1 → (LOCAL ESPECÍFICO)

Depreende-se, então, que o uso da forma “ni” revela uma “abstratização da noção locativa, através da indicação de processos metonímicos”, como nos casos (a), (b) e (c), supramencionados, em que o uso da forma “ni” indica, respectivamente, nome de pessoa indicando local, nome de local indicando ocupação social e nome de região indicando local específico.

- Outro trabalho que se destaca é o de Paes (2013), o qual propõe uma análise da variação dos itens “em” e “ni” na comunidade de fala de Vitória da Conquista (BA), tomando como referencial o modelo sociolinguístico quantitativo.

Para o desenvolvimento da análise são tomados como variáveis extralinguísticas “idade” e “escolaridade”, e como variáveis linguísticas, “presença e tipo de elemento pré-nominal no sintagma”, “valor semântico do sintagma preposicional”, “gênero do sintagma preposicional” e “função do sintagma preposicional”. O trabalho visa, ainda, a medir o grau de estigmatização da variante “ni” a partir da aplicação de questionário individual, pois, segundo a autora,

analisar a atitude dos falantes frente às variações apresentadas na língua é considerar a aceitação ou não da heterogeneidade linguística, e a estigmatização de certos comportamentos linguísticos é fruto de uma concepção de língua defendida pela classe dominante, tradicional por excelência (PAES, 2013, p. 31).

São discutidas as variantes “em” e “ni” na perspectiva gramatical, a partir dos conceitos das gramáticas normativas e na perspectiva dos estudos sociolinguísticos. No segundo caso, são apresentados alguns estudos, como os realizados por Ferrari (1997) e Lopes e Baxter (2007 apud PAES, 2013, p. 54).

A hipótese principal da pesquisa é de que a ocorrência da forma “ni” na fala dos moradores de Vitória da Conquista (BA) seja fruto do contato linguístico com povos africanos ou como resultante da aquisição do Português como segunda língua por povos de origem indígena e africana.

O *corpus* é composto por 18 entrevistas orais com informantes do sexo feminino naturais de Vitória da Conquista (BA). Segundo a pesquisadora, a preferência por informantes do gênero feminino deve-se ao fato de “tal gênero/sexo ser considerado mais conservador em muitas pesquisas sociolinguísticas, quando comparado ao masculino” (PAES, 2013, p. 45). Os inquéritos foram registrados por meio de gravador digital e têm duração média de 20 minutos. Foram compostas nove células a partir da combinação das variáveis extralinguísticas escolaridade (ensinos fundamental, médio e superior) e faixa etária (F1: 15-29 anos; F2: 30-45 anos; F3: 46-70 anos). As narrativas foram obtidas a partir da interação entrevistador-intervistado, com o objetivo de superar o paradoxo do observador. A fim de identificar o perfil dos informantes, foi aplicada a Ficha Social. Os dados obtidos nas entrevistas foram tratados com auxílio do software *Goldvarb*. Para avaliar o grau de estigmatização da variante “ni”, foram apresentadas letras de músicas que registram a referida variante e, em seguida, aplicados questionários relativos ao perfil dos usuários da linguagem representada nas músicas.

Na análise quantitativa dos dados, constatou-se que o uso da forma “em” supera o uso da forma “ni”, sendo obtidos, respectivamente, 95% e 5% de uso para cada item. A análise do *software* considerou significativas para a ocorrência do item “ni” as variáveis linguísticas “presença e tipo de elemento pré-nominal”, “valor semântico do sintagma” e “gênero do sintagma” e a variável extralinguística “faixa etária”. As variáveis “função do sintagma” e “escolaridade” não foram selecionadas pelo *Goldvarb*.

É interessante registrar a observação da pesquisadora com relação ao monitoramento linguístico, principalmente por parte dos informantes que contam com nível de escolaridade superior. Com relação à estigmatização do item “ni”, ficou claro um valor social negativo atribuído à forma, mesmo por falantes que a utilizam em seu discurso. Ao final, a autora conclui que os resultados da pesquisa levam a crer que

não há indicativos de mudança linguística em progresso, mas que, por outro lado, confirmam a tese de Labov (2008), uma vez que a variação em estudo mostra-se relacionada a pressões internas estruturais e sociais, ambas agindo conjuntamente.

- Por fim, Albuquerque e Nascimento (2013) analisam o uso do locativo “ni” e suas variações na fala de moradores de 10 municípios localizados no estado do Sergipe, seguindo a teoria da “deriva linguística × crioulização”.

Segundo os pesquisadores, “os resultados da análise apontam que o locativo “ni” tem sua origem em línguas africanas e em variedades reestruturadas da língua portuguesa, tanto no Brasil, como na África, o que corrobora com a hipótese do *continuum* afro-brasileiro de Petter (2009)” (ALBUQUERQUE; NASCIMENTO, 2013, p. 100).

A pesquisa leva em consideração, sobretudo, a herança advinda da intensa presença africana no Brasil, fator que reflete no âmbito cultural, social e linguístico. Assim, a partir da análise da gramática de algumas línguas do grupo bantu (língua Changana e língua Tonga), as quais apresentam o sufixo -eni ~ -ni como sufixo que indica direção, pressupõe-se que a presença dessa forma no Português Brasileiro seja uma herança dessas línguas, já que desempenha a mesma função sintática. A partir da análise, constata-se que a forma “ni” “tem sua origem em línguas bantu e é provavelmente um resquício de uma variedade crioulizada, ou pidginizada, do português no Brasil, tendo estas variedades sua origem última em variedades africanas, que apresentam a influência de línguas bantu como L1”. (Albuquerque & Nascimento, 2013, p. 108).

A coleta de dados foi realizada em municípios das zonas urbana e rural, tomando como base a metodologia laboviana. Foram considerados os seguintes fatores extralinguísticos: faixa etária (20-40, 40-60 e >60), escolaridade (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto e ensino médio completo) e gênero (masculino e feminino). O *corpus* é composto por 50 horas de gravações de conversas, entrevistas e narrativas.

Embora os dados coletados ainda estejam em processo de quantificação, já foram identificadas algumas construções sintáticas que propiciam o aparecimento da forma “ni”, como substantivo próprio após o locativo, complemento verbal próximo e enumeração de elementos. Com relação aos fatores extralinguísticos, constatou-se

que o uso da forma “ni” apresenta maior ocorrência na fala de mulheres, idosos e pessoas com baixa escolaridade.

CAPÍTULO 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



Este capítulo apresenta a fundamentação teórica que norteia toda a pesquisa. Para isso, está organizado em duas seções, a saber: (2.1) Sociolinguística Variacionista; (2.2) Verbos Transitivos Adverbiais.

2.1 Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística, subárea da Linguística que se ocupa do estudo da língua em uso em seu contexto social, surgiu em meados da década de 1960, a partir do interesse de um grupo de pesquisadores em investigar a relação entre linguagem e sociedade. Essa relação, embora evidente, era relegada pela tradição estruturalista e pela gerativista, que consideravam a língua a parte social da linguagem sem, no entanto, levar em consideração a variação.

Considerando a heterogeneidade característica de toda e qualquer língua natural e tomando por base a correlação entre fatores linguísticos e sociais, a Sociolinguística visa, conforme propõe Bright (1964), a demonstrar a covariação sistemática entre as variações linguísticas observáveis em uma comunidade e as diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade. Desse modo, a Sociolinguística analisa as formas linguísticas que passam pelo processo de variação, sendo, então, conhecida também como Teoria da Variação.

A variação se realiza a partir da alternância no uso das variantes linguísticas, que são, conforme propõe Tarallo (1986, p. 10), “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”. Dessa forma, esse estudo concebe a forma “ni” como variante da preposição “em”, já que ambas desempenham uma mesma função preposicional. Ainda segundo o teórico, as variantes podem ser classificadas a partir dos seguintes caracteres: a) variante padrão × não padrão; b) variante conservadora × inovadora; c) variante de prestígio × estigmatizada.

Esta pesquisa prima pela análise da forma “ni” como variante estigmatizada, uma vez que a preposição “em” é considerada variante de prestígio e que o uso daquela forma recebe avaliação social negativa pela maioria dos falantes do PB. Frequentemente percebem-se comentários jocosos acerca do uso do referido item, mesmo que grande parte das pessoas o realize em seu vernáculo, muitas vezes de forma inconsciente. Conforme aponta Labov (2008, p. 357), ao tratar das reações subjetivas à mudança linguística “falantes que exibem o mais alto índice de uso de um traço estigmatizado em sua própria fala espontânea apresentam a maior tendência a estigmatizar os outros pelo uso dessa mesma forma”.

Corroborando as palavras de Labov, Calvet (2002, p. 73-74), ao tratar das influências das atitudes positivas e negativas dos falantes sobre as práticas linguísticas, afirma que “em face da variação, temos atitudes de rejeição ou de aceitação que não têm, necessariamente, influência sobre o modo de falar dos falantes, mas que certamente têm influência sobre o modo com que percebem o discurso dos outros”.

Com relação ao caráter padrão × não padrão, a variante “ni” figura como não padrão, já que seu uso não integra o cânone dos usos linguísticos prescritos pela GN. A partir do levantamento realizado, conforme apresentado no capítulo anterior, não foi encontrado registro do uso da variante, mesmo nas gramáticas descritivas.

No que tange ao caráter conservador × inovador, acredita-se que seja um traço corrente e, portanto, “conservador” no Português Brasileiro, já que trabalhos como o de Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009) atribuem a presença da forma “ni” no PB ao contato deste com línguas do grupo africano, o que ocorreu, sobretudo, durante o período de colonização do Brasil.

Ao contrário do que ocorre com a variante “em”, poucos são os registros de estudos sobre o uso da variante “ni”, mesmo no campo dialetológico. Apenas Teixeira (1944 apud FERRARI, 1997, p. 121), em seus estudos dialetológicos, menciona a variante “ni”, e mesmo assim apresenta-a como “característica do falar rural”. Entretanto, Ferrari (1997, p. 121) destaca que a variante “pode ser encontrada hoje nos grandes centros urbanos, tais como Rio de Janeiro e São Paulo, e em várias outras cidades brasileiras”.

Na pesquisa sociolinguística, destacam-se, sobretudo, os trabalhos de William Labov, pesquisador norte-americano que propôs um modelo de análise sociolinguística no qual, com recurso à estatística, aspectos linguísticos (internos) e sociais (externos) são correlacionados de modo a possibilitar a identificação dos fatores condicionadores da variação na fala dos membros de uma dada comunidade de fala¹. Dessa forma, a variação é concebida como um fenômeno motivado pela confluência de ambos os fatores, podendo ser classificada, de acordo com o fator motivador, como: a) diatópica (espaço); b) diastrática (nível socioeconômico); c) diamésica (registro); d) diafásica (monitoramento linguístico); ou e) diacrônica (etapa da história da língua).

Em suas pesquisas sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard (1963) e sobre a estratificação social do /r/ nas lojas de departamento na Cidade de Nova York (1966), Labov reuniu evidências da variação linguística, demonstrando que ela é ordenada, padronizada e sistemática. Partindo da análise da fala em seu contexto social, o pesquisador buscou a emersão do vernáculo, ou seja, da fala natural desprovida de monitoramento linguístico, correlacionando, em sua análise, os fatores linguísticos e sociais que contribuía para a elicitación de uma ou outra variante.

Labov (2008) concebe a língua como um sistema heterogêneo, constituído a partir de sua relação com a sociedade, sendo, portanto,

uma forma de comportamento social, [...] a manifestação da maneira de conviver das pessoas que vivem numa determinada comunidade, de modo que não há diferença entre linguística e sociolinguística; ou seja, só podemos conceber a língua dentro de um contexto social (GONÇALVES, 2008, p. 37).

No que diz respeito à seleção da variável linguística, Labov (2008, p. 26) estabelece alguns critérios, destacando algumas características essenciais para o empreendimento de um estudo sociolinguístico, tais como a alta frequência na conversação, a integração do item no sistema linguístico e a estratificação social na distribuição do traço. Assim,

uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará simplesmente

¹ Labov (2008, p. 188) define “comunidade de fala” como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua.

escancarando a porta para regras em que “frequentemente”, “ocasionalmente” ou “às vezes” se aplicam (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 107).

Além da identificação da variação dentro de determinado grupo social, é também importante verificar os fatores condicionadores (ou variáveis) dessa variação, que podem ser de natureza linguística (de ordem estrutural) e/ou de natureza social (de ordem extralinguística). Dentre as últimas, nos estudos sociolinguísticos são levadas em conta com maior frequência: origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, faixa etária, mercado de trabalho e redes sociais.

A Sociolinguística, ao tratar da análise de formas que se encontram em processo de variação, identifica variantes que passam pelo processo de variação estável (co-ocorrentes) ou formas que estão em processo de competição (concorrentes), delineando, por sua vez, um quadro de mudança linguística. Assim, considerando o processo de variação um requisito para a mudança linguística, este pode ser caracterizado como: a) uma mudança em progresso – quando uma forma inovadora é mais frequentemente usada pelos falantes que pertencem à classe média (ou seja, a distribuição da variável apresenta padrão curvilíneo) e pela faixa etária jovem (o que constitui evidência de tempo aparente); b) uma variável estável – quando a forma inovadora, se prestigiosa, é mais usada pela classe alta e, se não prestigiosa, é mais usada pela classe baixa (ou seja, a distribuição da variável apresenta padrão não curvilíneo).

Assim, para trabalhar os processos de variação e mudança linguística, Labov propõe o seguinte quadro:

Podemos identificar pelo menos cinco problemas diferentes relacionados à explicação da mudança linguística (Weinreich, Labov & Herzog 1968), mas nem todos relacionados ao quadro social da mudança. Os *condicionamentos* universais sobre a mudança linguística são, por definição, independentes de qualquer comunidade particular. A questão de identificar a *transição* entre dois estágios quaisquer da mudança linguística é um problema linguístico interno. O problema do *encaixamento* tem dois aspectos: a mudança é vista como encaixada numa matriz de outras mudanças (ou constantes) linguísticas, e também como encaixada num complexo social, correlacionada com mudanças sociais. Existe também um importante componente social no problema da *avaliação* – mostrar como os membros de uma comunidade de fala reagem à mudança em andamento e descobrir que informação expressiva as variantes veiculam. Por fim, podemos esperar que haja fatores sociais profundamente implicados no problema da *implementação*: por que a mudança ocorreu num tempo e lugar particulares e não em outros (LABOV, 2008, p. 326).

A observação da comunidade de fala é outro fator indispensável para o sucesso da pesquisa sociolinguística, pois, a partir disso, poder-se-á identificar qual grupo de falantes representa essa população e quais formas linguísticas encontram-se em processo de variação.

Para a identificação dos membros que compõem a comunidade de fala, é de extrema importância a noção de “redes sociais”, tomado de empréstimo da Antropologia Cultural. Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 130),

uma rede social é concebida como o conjunto de vínculos de qualquer tipo que se estabelecem entre as pessoas de um grupo. A introdução desse conceito na tradição dos estudos sociais, iniciada na Antropologia, resultou da percepção de que as características desses vínculos podem ser muito reveladoras das identidades dos membros do grupo.

Dessa forma, os membros de uma rede social tendem a apresentar comportamento homogeneizado, sobretudo com relação ao delineamento e uso das normas linguísticas na comunidade de fala. No entanto, a uniformidade no comportamento dos membros da rede depende do número e do nível de interação entre os integrantes. Identificam-se dois tipos de redes, de acordo com a densidade: a) redes de alta densidade, formadas em pequenas comunidades; b) redes de baixa densidade, formadas em sociedades urbanas. Assim, estudos constatam que a pressão normativa é maior nas redes de baixa densidade, já que os membros estão frequentemente em contato direto e parcialmente isentos de influências externas, em função do aspecto espacial isolativo que essas comunidades apresentam.

Nota-se, claramente, a intersecção entre os conceitos de “redes sociais” e “comunidade de fala”. Segundo Labov (2008, p. 188), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Bortoni-Ricardo (2014, p. 131) destaca, ainda, que

a comunidade de fala passa a ser considerada como matriz de repertórios de códigos, ou estilos de fala (organização da diversidade), e para isso torna-se muito útil o levantamento de redes sociais, levando em conta a localidade comum e a interação primária, como proposto por Hymes.

Depreende-se, portanto, que as redes sociais contribuem, sobretudo, para a manutenção de formas consideradas estigmatizadas, já que a norma adotada pelos membros da rede independe do critério normativo proposto pela GN.

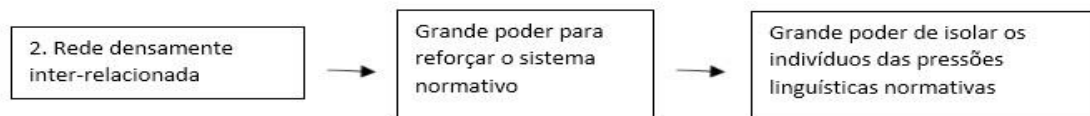
No âmbito da pesquisa Sociolinguística, a partir da análise de redes sociais destacam-se, dentre outros, o trabalho de Milroy (1980) na comunidade de Belfast, Irlanda do Norte, o qual constata que os falantes agrupados em uma rede de baixa densidade mantiveram os traços linguísticos da comunidade em análise, preservando, assim, a identidade local. Também é de extrema relevância o estudo de Labov (1965 apud BORTONI-RICARDO, 2014, p. 133) sobre o vernáculo afro-americano, cuja “análise sociolinguística demonstrou que quanto mais imersos na estrutura do grupo, mais competentes eram os jovens no uso do vernáculo local”.

O estudo ora apresentado nesta dissertação baseia-se também nos estudos de redes sociais, já que os informantes que compõem a amostra em análise apresentam uma rede de alta densidade. Embora haja a constante interação com outros falantes, acredita-se que isso não interfira no perfil linguístico dos informantes, visto que há uma grande preocupação com a preservação das tradições e costumes da cidade, do qual também, mesmo que inconscientemente, faz parte sua maneira de falar. Nas entrevistas, evidenciou-se, sobretudo, um forte sentimento de pertença à comunidade. Ouro Preto (MG) é concebida para além de cidade natal, como um lugar com o qual os informantes mantêm um forte laço afetivo.

Bortoni-Ricardo (2006, p. 85), ao fazer referência a um estudo realizado por Bott (1957) sobre a alocação de papéis conjugais em vinte famílias londrinas, afirma que

o principal resultado do trabalho refere-se à capacidade de certos tipos de rede funcionarem com um mecanismo de reforço normativo. Quando as redes apresentam uma tessitura densa, isto é, quando há um grau de densidade, seus membros atingem grande consenso normativo e exercem consistente pressão informal uns sobre os outros visando à conformação às normas consensuais. Por outro lado, uma rede que apresenta “tessitura frouxa”, há maior probabilidade de ocorrer uma variação nas normas.

A Figura 1, a seguir, apresenta o pressuposto sociolinguístico geral derivado do pressuposto socioantropológico geral, o qual representa o alto poder de resistência das redes densamente inter-relacionadas às pressões externas, favorecendo a manutenção do sistema normativo adotado pelos membros da rede.

Pressuposto socioantropológico geral**Pressuposto sociolinguístico geral****Figura 1** Pressuposto Sociolinguístico Geral.**Fonte:** Bortoni-Ricardo (2006, p. 85).

No âmbito da interação entre participantes de um evento de fala, é importante analisar também a situação da elocução, ou seja, de quais artifícios o falante faz uso para alcançar o objetivo da comunicação. Bortoni-Ricardo propõe um modelo que leva em conta três *continua* para a análise da variação linguística nas interações verbais: a) +rural / +urbano; b) +oral / +letrado; c) –monitorado / +monitorado. Interessa-nos, neste estudo, o segundo *continuum*, já que estamos analisando o comportamento linguístico de falantes que apresentam diferentes graus de escolaridade. A ideia de *continuum* é interessante, sobretudo, pelo fato de romper com as dicotomias tão correntes na teoria sociolinguística. Dessa forma, pode haver uma variação em decorrência do tipo de interação cujo estilo de fala pode estar mais próximo de um ou outro ponto do *continuum*, ou pode estar no centro, como no caso do “rurbano”, típico de “populações rurais com razoável integração com a cultura urbana e populações urbanas com razoável preservação de seus antecedentes rurais” (BORTONI-RICARDO, 2006 p. 92).

O Quadro 2, a seguir, sintetiza, de forma clara e objetiva, a relação entre os tipos de redes e a transição rural-urbana.

Quadro 2 Transição rural-urbana

Tipos de redes	Critérios analíticos			Características do repertório verbal
	Pressão normativa	Densidade de papéis sociais	Grupo de referência	
Redes insuladas	Alto grau de consenso no grupo: resistência à mudança	Baixa densidade de papéis sociais: interação com um número limitado de pessoas	Grupo pré-migratório e familiar como grupo de referência	Focalização dialetal: acesso limitado ao código de prestígio
Redes integradas	Maior exposição a influências externas	Densidade mais alta de papéis sociais: interação com pessoas de <i>background</i> social e geográfico mais variado em diversos contextos sociais	Identificação com grupos de maior prestígio	Difusão dialetal: maior flexibilidade com relação ao controle do código e modos de falar de maior prestígio

Fonte: Bortoni-Ricardo (2006, p. 98).

Encerrada esta seção teórica, na seguinte partiremos para uma discussão prática na qual será melhor apresentado o conceito de verbos transitivos adverbiais.

2.2 Verbos transitivos adverbiais

A GN classifica os verbos, segundo sua predicação, como transitivos ou intransitivos, sendo estes de predicação completa e aqueles de predicação incompleta. Os verbos de predicação completa são classificados como intransitivos (a), e os de predicação incompleta, como transitivos diretos (b), transitivos indiretos (c) e transitivos diretos e indiretos (d):

- (a) Rafael acordou tarde.
- (b) Marina encontrou as chaves.
- (c) Os alunos assistiram ao filme.
- (d) Pedro ofereceu uma flor a Joana.

Em (a) temos um verbo que não requer complemento, já que contém em si próprio a significação completa. Em (b), (c) e (d) temos verbos que requerem complementos, os quais são responsáveis pela construção do sentido da oração. Os verbos

transitivos diretos, como em (b), requerem um complemento sem preposição, ao contrário dos verbos transitivos indiretos (c), que requerem um complemento com preposição obrigatória. Já os verbos transitivos diretos e indiretos (d) requerem dois tipos de complemento, um deles sem preposição e outro obrigatoriamente preposicionado.

Há, ainda, uma terceira possibilidade de classificação, conforme discute Saraiva (1983), que analisa o termo classificado como adjunto adverbial, que aparece junto a alguns verbos intransitivos, exercendo a função de complemento verbal adverbial, já que indica uma circunstância e, ao mesmo tempo, completa a significação do verbo. Assim, esses verbos perderiam seu caráter “intransitivo”, passando a ser verbos transitivos adverbiais.

Para tanto, Saraiva analisa a abordagem das gramáticas escolares quanto à função desempenhada pelos adjuntos adverbiais, já que estes, junto aos verbos intransitivos, desempenham função semelhante à desempenhada pelo complemento verbal junto aos verbos transitivos.

Kury (1970, apud SARAIVA, 1983, p. 119) afirma que alguns verbos classificados como intransitivos têm predicação incompleta, necessitando, portanto, de complementos que lhes integrem sentido. Para discussão da proposta, são analisados os “verbos de movimento ou situação: chegar, ir, seguir, vir; morar, estar, ficar etc.”, os quais requerem como complemento o adjunto adverbial de lugar. No entanto, segundo a GN, o adjunto adverbial não desempenha a função de complemento verbal, mas sim de modificador ou intensificador. Assim, é proposta a classificação dos verbos que pedem como complemento o adjunto adverbial enquanto verbo transitivo adverbial, já que o adjunto torna-se um item obrigatório para a construção do sentido da oração.

Outros gramáticos, como Bechara e Luft, discutem a classificação dos verbos como transitivos adverbiais, levando em conta a presença da preposição que introduz o adjunto adverbial, o que configura um sintagma preposicional. No entanto, nem todos os verbos que requerem adjunto adverbial podem ser considerados transitivos adverbiais, mas apenas aqueles cujo sentido seja completado pelo adjunto, este, por sua vez, introduzido por preposição.

Neste trabalho, é adotada a classificação dos verbos intransitivos, que requerem o adjunto adverbial enquanto complemento, como verbos transitivos adverbiais. Assim,

na análise dos dados, é verificada a natureza do verbo ou locução verbal da oração em que ocorre a preposição “em” e suas respectivas variantes.

**CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS
METODOLÓGICOS**



Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos que nortearam o desenvolvimento da pesquisa. Para tanto, é realizado o histórico da comunidade em estudo e são descritos os critérios adotados para a seleção dos sujeitos, a elaboração do questionário sociolinguístico, a coleta de dados e a transcrição.

3.1 Comunidade de Ouro Preto (MG)

O município de Ouro Preto (MG), localizado na Zona Metalúrgica do estado de Minas Gerais, no chamado Quadrilátero Ferrífero, distante 96 quilômetros da capital, Belo Horizonte, apresenta uma população residente de aproximadamente 70.000 habitantes, estando grande parte destes, cerca de 85%, instalados na zona urbana.

A composição da população, segundo dados apurados no Censo 2010, indica que a maior parte dos habitantes são pessoas de cor/raça preta ou parda – 47.047 habitantes, sendo a população branca correspondente a 21.911 habitantes. Outra parcela da população – 1.322 habitantes, declarou ser de cor/raça amarela ou indígena.

O município tem uma extensão territorial de 1.245,865 km² e uma densidade demográfica de 56,42 habitantes/km², sendo constituído por 13 distritos. A região em que se encontra instalado apresenta um relevo montanhoso e ondulado, com elevação de 1.150 m de altitude.

O município apresenta um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,741 e um Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* de 61.266,33 reais. A principal atividade econômica é o turismo, seguido da extração mineral.

Com relação ao sistema educacional, o município apresenta 10.544 alunos matriculados no ensino fundamental, 3.975 no ensino médio e 15.000 no ensino superior. A Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), fundada em 1969, a partir da junção das

centenárias Escola de Minas e da Escola de Farmácia, oferta à população 42 cursos de graduação e 34 cursos de pós-graduação.



Figura 2 Localização de Ouro Preto no estado de Minas Gerais.

Fonte: IDE Geominas (1996).

A origem do município de Ouro Preto (MG) remonta ao Ciclo do Ouro, período em que as expedições bandeirantes adentraram o território brasileiro em busca das riquezas minerais e de indígenas para o trabalho escravo. Embora a fixação dos exploradores tenha ocorrido no fim do século XVII, foi apenas no ano de 1711 que a localidade foi elevada à categoria de vila, graças ao satisfatório desenvolvimento advindo da exploração aurífera. Assim, a atual Ouro Preto (MG) foi batizada como Vila Rica de Albuquerque, nome que seria em breve simplificado, passando a localidade a ser denominada Vila Rica. Antes disso, entre os anos de 1707 e 1709, o arraial foi palco do tradicional episódio conhecido como a Guerra dos Emboabas, fruto da disputa entre paulistas e portugueses pela exploração do ouro na região recém-descoberta. Posteriormente, já revoltado pelo cerceamento da Coroa Portuguesa com relação à exploração do ouro, a qual proibiu a circulação do ouro em pó, o povo insurgiu contra a imposição da cobrança do quinto. Essa revolta, que contava com diversos apoiadores – dentre os quais intelectuais, membros do clero e comuns –, teve na figura do alferes Joaquim José da Silva Xavier, conhecido sob a alcunha de Tiradentes, seu representante máximo. Desmembrado o movimento, coube ao alferes expiar a insurreição contra a Coroa Portuguesa. Os demais membros do movimento foram degredados para a África ou para Lisboa, e o poeta Cláudio Manoel da Costa suicidou-se na prisão da Casa dos Contos, localizada no centro histórico de Ouro Preto (MG).

No início do século XIX, a mineração aurífera entra em declínio em todo o território de Minas Gerais. Assim, Vila Rica busca alternativas para a subsistência daqueles que permaneceram na localidade. São, então, instaladas siderúrgicas e outros tipos de indústrias, visando ao equilíbrio da economia local.

Em 1823, Vila Rica é elevada a capital da província de Minas Gerais, sendo rebatizada com o nome de Ouro Preto e recebendo o título de *Imperial Cidade*. No final do século XIX, por causa da impossibilidade de expansão da cidade para a ampliação da sede do governo do estado, a capital é transferida para o território conhecido como Curral del Rey, onde foi fundada a cidade de Belo Horizonte. Naquele momento, Ouro Preto (MG) sofreu um grande esvaziamento populacional, ficando diversos prédios à mercê dos que aqui permaneceram por não terem condições de partir.

Na primeira metade do século XX, com a incursão dos modernistas no Brasil em busca da arte e da cultura genuinamente brasileira, Ouro Preto (MG) refloresce e ganha o merecido destaque no cenário histórico e artístico nacional. Detentora do maior conjunto homogêneo da arquitetura barroca no Brasil, a cidade, com sua singular beleza, é tombada como Monumento Nacional no ano de 1933 e declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco, no ano de 1980.

Atualmente, o município vive da arte e da cultura herdadas da colonização portuguesa, graças à exploração do turismo. A cidade, que conta com um conjunto arquitetônico colonial que atrai visitantes de diversas localidades do Brasil e do mundo, proporciona a estes um verdadeiro espetáculo com seu conjunto de casario, museus, minas, parques naturais, igrejas e capelas do século XVIII.

De acordo com estimativa da Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio (PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO, 2014), o município recebe, mensalmente, cerca de 30 mil turistas, responsáveis pela movimentação da maior parte da economia local. As principais atividades comerciais desenvolvidas em Ouro Preto (MG) – como meios de hospedagem, restaurantes e estabelecimentos comerciais – estão diretamente relacionadas ao turismo.

Outro fator que contribui incisivamente para o desenvolvimento local é a presença de uma universidade federal na cidade. Além de contribuir para a qualificação dos ouro-pretanos, a UFOP proporciona intensa movimentação no setor financeiro, já que

recebe, anualmente, milhares de novos estudantes, os quais são importantes consumidores dos produtos locais. Além disso, a universidade garante o emprego de milhares de moradores, o que aumenta paulatinamente, graças ao constante processo de expansão pelo qual passam as universidades públicas brasileiras.

3.2 Seleção dos sujeitos

A metodologia utilizada para a seleção dos informantes baseia-se na gravação de entrevistas sociolinguísticas com informantes nascidos no município de Ouro Preto (MG) cujos pais sejam da região e que, preferencialmente, não tenham se ausentado da localidade por um período superior a dois anos.

Labov (2008, p. 244) enfatiza que “a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática”.

Visando a obter uma ampla visão dos fatores condicionadores do uso dos itens “em” e “ni”, optou-se por selecionar os informantes a partir das variáveis extralinguísticas gênero, faixa etária e escolaridade, conforme apresentado no Quadro 3

Quadro 3 Perfil dos informantes

INFORMANTE	GÊNERO	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	DADOS	DURAÇÃO
1FPAMAS	Feminino	26	Secundária	Funcionário público	19	00:06:19
2FPABCST	Feminino	17	Secundária	Estudante	15	00:05:54
3FSABPS	Feminino	35	Superior	Assistente social	40	00:19:07
4FSARMOS	Feminino	31	Superior	Museóloga	47	00:19:37
5FPBSMSG	Feminino	44	Secundária	Secretária	26	00:09:55
6FPBCMS	Feminino	48	Secundária	Professora	37	00:09:04
7FSBNMA	Feminino	51	Superior	Engenheira civil	22	00:11:40
8FSBMFCRN	Feminino	52	Superior	Professora	53	00:17:37
9MPATIM	Masculino	17	Secundária	Estudante	18	00:06:36
10MPATAES	Masculino	23	Secundária	Técnico administrativo	22	00:07:57
11MSASSS	Masculino	27	Superior	Funcionário público	24	00:12:08
12MSAMJS	Masculino	30	Superior	Engenheiro civil	8	00:07:20
13MPBPCC	Masculino	48	Secundária	Funcionário público	31	00:16:04

14MPBACF	Masculino	56	Primária	Funcionário público	54	00:15:57
15MSBSRAN	Masculino	39	Superior	Professor	35	00:12:37
16MSBAM	Masculino	46	Superior	Funcionário público	106	00:36:44.
					557	03:34:36

A codificação do informante foi realizada conforme exemplo a seguir: 1FPAMAS (1 – número do informante; F – gênero do informante; P – grau de escolaridade do informante; A – faixa etária do informante; MAS – iniciais do nome do informante).

Com relação ao gênero, foram selecionados informantes dos gêneros:

F – masculino;

M – feminino.

Com relação ao grau de escolaridade, optou-se por enquadrá-los em dois grupo:

P – Analfabeto e ensino fundamental;

S – Ensino médio e ensino superior.

Observa-se que todos os informantes do grupo S desempenham atividade profissional que exige formação superior.

E, finalmente, com relação à idade dos informantes, optou-se por enquadrá-los em duas faixas etárias a saber:

A – 15 a 35 anos;

B – 36 a 60 anos.

A combinação das variáveis gerou um total de 8 células, e para cada uma delas foram entrevistados 2 informantes, perfazendo um *corpus* de fala de 16 informantes.

Após a identificação dos informantes ideais, selecionados a partir da análise das Fichas Sociais, foram realizadas as gravações das entrevistas sociolinguísticas, levando em consideração a seguinte orientação de Labov (2008, p. 243): “bons dados exigem boa gravação, especialmente para a análise gramatical da fala natural”. Assim, buscou-se

obter bons dados de fala natural, superando o “paradoxo do observador”, possibilitando a emergência do vernáculo.

A amostra é constituída por 3h34m36s (três horas, trinta e quatro minutos e trinta e seis segundos) de gravação de dados orais, obtidos a partir de entrevista sociolinguística, a qual será apresentada adiante. Obtiveram-se 557 dados, variantes da preposição “em” em entrevistas com duração média de 13 minutos.

Verificaram-se, no entanto, diferentes perfis de informante no que diz respeito ao grau de elocução. Conforme foi possível verificar no quadro anteriormente apresentado, a entrevista de menor duração tem 5m54s, e a de maior duração, 36m44s.

No caso da entrevista de maior duração, concedida pelo informante 16MSBAM, percebeu-se um grande interesse do entrevistado em participar da pesquisa, já que o mesmo possui um vínculo afetivo muito forte com a cidade de Ouro Preto (MG), o que possibilitou uma fala com grau quase nulo de monitoramento linguístico. Tal era a empolgação do entrevistado, que a presença do gravador em nada interferiu no desenvolvimento da entrevista.

Já em relação ao informante 2FPABCST, cuja entrevista teve o menor tempo de duração, percebeu-se certa inibição do falante quanto à presença do gravador. Até mesmo antes da gravação, a entrevistada questionou se era de fato necessário gravar, predispondo-se a responder às perguntas do questionário por escrito. É interessante observar que, mesmo apresentando postura cooperativa, a presença do gravador inibe grande parte dos falantes.

Com relação aos informantes 4FSARMOS e 3FSABPS, que apresentaram, respectivamente, segundo e terceiro maior tempo de elocução, percebeu-se também uma postura cooperativa, o que propiciou entrevistas de durações consideráveis. No entanto, observou-se um alto grau de monitoramento linguístico durante as gravações. Algumas variantes linguísticas usadas correntemente pelos falantes ocorreram antes e após a entrevista, mas não durante a realização da mesma.

Quanto à produção das variantes em análise, observou-se que o informante que apresenta maior tempo de elocução é o mesmo que apresenta o maior número de variantes. Já quanto ao informante que produz o menor número de variantes, a mesma correlação não é válida. O informante 12MSAMJS, embora tenha concedido a entrevista com o terceiro menor tempo de duração, apresentou o menor número de variantes. Tal

fato deve-se, certamente, à postura pouco cooperativa do informante durante a realização da entrevista. Embora houvesse interesse em participar da coleta de dados, houve certa inibição durante o registro. Percebeu-se que, após desligar o gravador, o falante sentia-se à vontade para falar de forma mais espontânea.

3.3 Questionário sociolinguístico

Para a elaboração do questionário sociolinguístico, foram consideradas duas premissas:

1. A realização de perguntas que favorecessem a produção das formas “em” e “ni”, ou seja, questões cujas respostas contivessem verbos com complementos adverbiais, que são, geralmente, introduzidos por preposição.
2. A realização de perguntas que favorecessem as elocuições espontâneas, levando o informante a se desligar da situação de entrevista formal. Dessa forma, buscou-se abordar temas que refletissem o dia a dia de um morador natural de Ouro Preto (MG), a partir da proposição de questões relacionadas à história, lendas, lazer, culinária e religiosidade, dentre outras.

Além de dar suporte à obtenção de dados de boa qualidade, o questionário sociolinguístico teve como objetivo auxiliar o entrevistador para que não houvesse a perda dos tópicos em decorrência de alguma possível divagação do entrevistado no momento da entrevista ou de algum outro motivo que interferisse na realização desta.

A seguir, apresenta-se o modelo de questionário utilizado na coleta de dados:

QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

1. O que você sabe sobre a história de Ouro Preto?
2. Quais são as tradições e festas mais famosas da cidade?
3. Quais são os lugares mais interessantes para conhecer em Ouro Preto? Onde ficam?
Como se faz para chegar até eles?
4. Aonde você costuma ir nos momentos de lazer?
5. Qual é o material mais usado no artesanato local? Onde ele é encontrado?
6. Sobre a culinária local, qual é o prato que você considera tipicamente ouro-pretano?
Sabe como se prepara? Poderia explicar como se faz?
7. Quais foram as vivências/fatos que mais marcaram sua infância e juventude?
8. Você se lembra de alguma história ou “causo” que contavam antigamente?
9. Seus pais trabalhavam ou trabalham com o quê?
10. O que você acha da presença dos turistas em Ouro Preto?
11. Quais são as influências positivas e negativas do turismo em Ouro Preto?
12. Se tivesse que morar em outro lugar que não fosse Ouro Preto, onde você moraria?
13. Você conhece os distritos de Ouro Preto? Quais são os que você mais frequenta?
Como se chega lá?
14. Há várias minas de ouro em Ouro Preto. Você poderia me indicar como se chega em alguma delas?
15. Como é a relação entre os moradores de Ouro Preto? As pessoas são unidas?
Encontram-se com frequência?
16. É comum nas cidades do interior, como onde eu nasci, a gente falar o nome da pessoa em vez de falar o nome do lugar aonde a gente vai. Isso acontece, principalmente, porque quase todo mundo se conhece. Isso também acontece aqui? Poderia citar algum caso?
17. Quais são/foram os ouro-pretanos mais conhecidos (figuras típicas)? Onde eles são/eram vistos com maior frequência?

18. Se alguém de fora te pedir para indicar um lugar para passar o fim de semana em Ouro Preto, qual você indicaria? Como se chega lá?
19. Ouro Preto é reconhecida principalmente pela religiosidade de seus moradores. Você se considera uma pessoa religiosa? Poderia falar um pouco sobre a importância da fé em sua vida?
20. Você poderia relatar alguma experiência que tenha marcado sua vida (uma situação de risco de morte ou acidente)?
21. Você se lembra de algum acontecimento aqui em Ouro Preto que tenha sido muito comentado? Como e quando foi?
22. Há alguma informação que você julga útil para esta pesquisa e que gostaria de acrescentar?

3.4 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no período de dezembro de 2014 a janeiro de 2015. Para tanto, foi realizada a triagem das Fichas Sociais com os dados dos informantes em potencial, considerando as variáveis extralinguísticas selecionadas e o número de informantes predefinidos.

Para obtenção dos dados, foram realizadas gravações a partir do questionário sociolinguístico, cujos tópicos têm como objetivo favorecer a realização de elocuições que contenham os itens linguísticos objetos desta análise. Oliveira e Silva (2004, p. 132), ao propor um modelo de coleta de dados, faz menção à metodologia utilizada no Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL, ressaltando a importância do questionário semidirigido, que tem a função de roteiro, e da Ficha Social do informante:

[...] o entrevistador, utilizando o roteiro e a ficha social, preocupava-se em provocar o aparecimento de formas linguísticas variadas, em elicitare vários gêneros do discurso e em abordar tópicos de interesse do falante, sondados previamente durante o preenchimento da ficha social.

A partir do contato prévio com os informantes selecionados, foram programados os horários para a coleta de dados. Visando a proporcionar um clima de descontração, foi permitido ao entrevistado escolher o melhor local para a entrevista.

Considerando a importância de se obterem bons dados, as entrevistas foram realizadas pelo próprio pesquisador, sendo esta a pessoa mais indicada para tal tarefa, pelo fato de conhecer, minuciosamente, todas as etapas do desenvolvimento da pesquisa. Desse modo, familiarizado com a metodologia e o questionário sociolinguístico adotados, e ciente da importância de se obterem elocuições nas quais fossem produzidos os itens linguísticos em análise, procedeu-se à coleta de dados.

3.5 Transcrição dos dados

As entrevistas com os informantes foram gravadas com o auxílio de gravador de voz digital Sony – modelo ICD-PX240 – e posteriormente transcritas. Por se tratar da análise do comportamento linguístico de uma variante morfossintática, optou-se por um modelo de transcrição que não se ativesse a critérios fonético-fonológicos, destacando-se o caráter morfológico das elocuições. Assim, apoiamo-nos nos critérios de transcrição proposto pelo Projeto da Norma Urbana Oral Culta da Cidade de São Paulo - NURC, o qual foi adaptado conforme apresentado no Quadro 4:

Quadro 4 Chave de transcrição

Sinais	Ocorrências
()	Incompreensão de palavras ou segmentos.
(hipótese)	Hipótese do que se ouve.
/	Truncamento, corte de uma palavra ao meio.
Maiúsculas	Entoação enfática.
/MAIÚSCULAS/	Fala do documentador.
:	Prolongamento de vogal e consoante.
-	Silabação
?	Interrogação.
...	Qualquer pausa.
((minúsculas))	Comentários descritivos do transcritor.
-- --	Comentários que quebram a sequência temática da exposição.
{ }	Simultaneidade de vozes.
(...)	Indicação de que fala é tomada ou interrompida em determinado ponto, exceto em seu início ou término.
=====	Indicação de que é feito um corte na sequência da narrativa. Este sinal só é utilizado com o objetivo de separar os trechos de interesse dessa pesquisa, ou seja, aqueles em que ocorrem os itens “em” e “ni” .
“ “	Palavra ou expressão de língua estrangeira.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS



Neste capítulo, é feita a análise dos dados desta pesquisa, levando em consideração:

- a distribuição das variantes no *corpus*;
- a classe gramatical que antecede as variantes;
- o traço semântico do sintagma; e
- a predicação verbal.

O Quadro 5 apresenta a distribuição das variantes no *corpus*, destacando o número de ocorrências por informante. Para tanto, foram analisadas além da ocorrência da preposição “em”, as formas decorrentes das contrações da preposição “em” com artigo ou pronome e a preposição “ni”.

Quadro 5 Distribuição das variantes no *corpus*

VARIANTE	INF. 1	INF. 2	INF. 3	INF. 4	INF. 5	INF. 6	INF. 7	INF. 8	INF. 9	INF. 10	INF. 11	INF. 12	INF. 13	INF. 14	INF. 15	INF. 16	TOTAL	%
EM	3	5	11	7	12	8	10	7	0	5	2	2	7	24	11	26	140	25,13
NI	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	4	0,72
NO (S)	9	4	15	15	6	13	6	14	7	5	7	3	6	14	12	25	161	28,9
NA (S)	7	5	10	22	8	14	5	17	10	10	13	3	10	11	9	36	190	34,11
NUM	0	1	1	0	0	1	0	3	0	1	0	0	1	1	0	3	12	2,16
NUMA	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	1	0	0	1	0	2	7	1,26
NESTE	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,18
NESSA (S)	0	0	1	2	0	1	0	3	0	1	1	0	6	1	1	4	21	3,77
NISSO	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0,37
NAQUELE (S)	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	4	0,72
NAQUELA	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	2	5	0,89
NAQUILO	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	3	0,53
NOUTRO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0,18
NELA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0,18
TOTAL	19	15	40	47	26	37	22	53	18	22	24	8	31	54	35	106	557	100

Conforme é possível verificar no Quadro 5, o *corpus* apresenta 557 ocorrências distribuídas entre as 2 variantes, a saber: “em” e suas respectivas contrações (“no(s)”,

“na(s)”, “num”, “numa”, “neste”, “nesse(s)”, “nessa(s)”, “nisso”, “naquele(s)”, “naquela”, “naquilo”, “noutro” e “nela”) e “ni”.

A forma mais produtiva é “na(s)”, com 190 ocorrências, o que corresponde a 34,11% dos dados. Em seguida, as formas “em” e “no(s)” lideram a sequência das preposições mais realizadas, com 28,9% e 25,13%, respectivamente.

Isso se verifica nos exemplos a seguir:

- (3) “[...] A rádio teve que tirar do ar **na** marra... [...]” [7FSBNMA20].
- (4) “[...] Não, acho que o que eu vivi **na** minha infância eu vivo até hoje [...]” [11MSASSS6].
- (5) “[...] Ouro-pretano ele vive **na** dele, né? [...]” [13MPBPCC19].
- (6) “[...] Então, a cidade foi fundada **em** julho de 1711, pelo bandeirante Antônio Dias [...]” [4FSARMOS1].
- (7) “[...] Mas eu acho que **em** detalhes eu não vou lembrar agora, não [...]” [7FSBNMA12].
- (8) “[...] Cê já foi **em** Petrópolis? [...]” [16MSBAM39].
- (9) “[...] mas **no** momento eu num tô lembrando, não [...]” [8FSBMFCRN31].
- (10) “[...] É lá **no** alto, indo mesmo do Itacolomy.[...]” [14MPBACF5].
- (11) “[...] Aí **no** domingo é o encontro [...]” [16MSBAM88].

Com relação às formas menos produtivas, destacam-se “neste”, “noutro” e “nela”, sendo que para cada uma delas apurou-se 0,18% de ocorrências.

Observa-se que a forma “em” ocorre a partir de sua contração com artigo definido em mais de 50% de todo o *corpus*. Poucos são os casos em que a forma ocorre a partir da contração com palavras de outra classe gramatical, como pronome ou artigo indefinido.

Quadro 6 Classe gramatical que antecede a variante

CLASSE GRAMATICAL	INF. 1	INF. 2	INF. 3	INF. 4	INF. 5	INF. 6	INF. 7	INF. 8	INF. 9	INF. 10	INF. 11	INF. 12	INF. 13	INF. 14	INF. 15	INF. 16	TOTAL	%
Adjetivo	0	0	2	7	0	0	0	6	1	2	2	1	1	0	3	4	29	5,2

Advérbio	7	0	17	2	6	10	6	14	6	8	7	1	5	18	5	13	125	22,44
Artigo	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	5	0,9
Conjunção	1	3	1	2	4	2	3	3	1	0	2	0	0	2	2	10	36	6,46
Interjeição	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	3	0,54
Marc. conv.	0	0	3	2	0	0	2	4	0	0	0	0	2	0	3	6	22	3,95
Não ocorre	0	1	6	2	1	5	1	2	2	1	0	0	3	1	4	8	37	6,64
Numeral	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0,18
Preposição	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0,18
Pronome	0	0	1	2	0	2	0	0	0	2	1	1	0	0	1	7	17	3,05
Substantivo	2	5	5	11	1	5	5	4	5	4	4	3	3	20	2	18	97	17,41
Verbo	7	6	5	18	13	12	5	20	3	5	8	1	16	12	15	38	184	33,05
Total geral	19	15	40	47	26	37	22	53	18	22	24	8	31	54	35	106	557	100

Conforme se verifica no Quadro 6, diante das formas em análise, foram identificadas palavras pertencentes a todas as classes gramaticais – adjetivo, advérbio, artigo, conjunção, interjeição, numeral, preposição, pronome, substantivo e verbo – às quais se somam as locuções formadas pelas referidas classes.

Além dessas classes gramaticais, foram também identificados 22 marcadores conversacionais² e 37 ausências de palavras antes das formas analisadas. As ausências de palavras antes das formas em análise deveram-se ao fato de se tratar de início de frase ou de fragmentos de turnos nos quais ocorreu hesitação do falante.

As classes gramaticais mais produtivas foram os verbos, os advérbios e os substantivos, que correspondem, respectivamente, a 33,05%, 22,44% e 17,41%, totalizando 72,9%.

Os exemplos a seguir ilustram a descrição apresentada no Quadro 6.

- (12) “[...] Ah, só que eu gosto muito de **viver** em Ouro Preto [...]” [2FPABCST15].
- (13) “[...] ...eu **trabalhei** no Teatro Municipal ... [...]” [6FPBCMS25].
- (14) “[...] cê tem que ter aquela fé viva e **acreditar** naquela oração que você está fazendo, né [...]” [8FSBMFCRN38].
- (15) “[...] Ó, que eu sei que é feito **aqui** em Ouro Preto... [...]” [5FPBSMSG7].
- (16) “[...] Aí tem que entrar **ali** naquela padaria [...]” [7FSBNMA15].

²Marcuschi (1986) define marcador conversacional como sendo um recurso verbal de grande recorrência na fala que tem como função situar o tópico no contexto geral, particular ou pessoal da conversação.

- (17) “**Principalmente** nessa região aqui, né, bairro Cabeças, Pilar, Rosário... que mantém ainda [...]” [15MSBSRAN20].
- (18) “[...] ... acredito que a fé é o que sustenta, né, as **pessoas** no dia a dia, né [...]” [4FSARMOS32].
- (19) “[...] É muito bom a presença do **turista** em Ouro Preto, é ótimo... [...]” [6FPBCMS22].
- (20) “[...] Aí eles descem, ou pra igreja do Pilar, ou pra igreja do Antônio Dias, que é um ano num e um **ano** noutro [...]” [16MSBAM90].

As classes gramaticais menos produtivas foram os numerais e as preposições, já que houve apenas 1 ocorrência para cada uma dessas classes.

Constata-se que a maior ocorrência de verbos antes da preposição deve-se ao fato de esta introduzir o complemento verbal, o qual pode, ou não, ser introduzido por preposição. O mesmo ocorre com os advérbios, já que são palavras que indicam circunstância.

Quadro 7 Distribuição do traço semântico

TRAÇO SEMÂNTICO	INF. 1	INF. 2	INF. 3	INF. 4	INF. 5	INF. 6	INF. 7	INF. 8	INF. 9	INF. 10	INF. 11	INF. 12	INF. 13	INF. 14	INF. 15	INF. 16	TOTAL	%
Lugar	16	10	26	23	20	24	12	30	16	18	18	4	25	47	25	62	376	67,5
Coisa	0	0	4	10	2	2	0	8	0	1	2	3	3	1	6	7	49	8,8
Meio	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0,36
Modo	0	0	0	1	0	0	5	6	1	0	1	0	1	0	3	8	26	4,67
Pessoa	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0,71
Tempo	3	4	6	6	2	6	2	6	0	2	3	1	1	3	1	29	75	13,47
Outros	0	0	1	5	2	5	3	3	1	1	0	0	1	3	0	0	25	4,49
Total	19	15	39	42	24	32	19	50	17	21	24	8	30	51	35	106	532	100

Conforme se verifica no Quadro 7, os dados coletados apresentam os seguintes traços semânticos: “lugar”, “coisa”, “meio”, “modo”, “pessoa” e “tempo”, além de alguns que, por não se enquadrarem em nenhum desses traços preestabelecidos, foram agrupados sob o rótulo de “outros”.

O traço semântico mais produtivo é o relacionado a “lugar”, o qual corresponde a 67,5% das ocorrências. Tais ocorrências devem-se ao fato de o questionário

sociolinguístico ser composto por perguntas relativas à vida do entrevistado na cidade de Ouro Preto (MG), o que possibilita uma grande referência aos lugares pelos quais o informante tenha passado.

Os exemplos a seguir ilustram a descrição acima apresentada:

- (21) “[...] Tem foto dele naqueles quadrinhos de formandos, tem uma foto dele lá, né. [...]” [4FSARMOS28].
- (22) “[...] Agora, tem Ninica, Angu, que são pessoas que eu tenho lembrança de vê-los na rua [...]” [5FPBSMSG18].
- (23) “[...] Meu pai chegou em Ouro Preto com três filhos através dessa linha aí ó, ela vinha do Rio [...]” [13MPBPCC24].

Com relação ao traço semântico menos produtivo, o qual é relativo a meio, houve apenas 0,36% de ocorrências.

Conclui-se, assim, como era de se esperar, que os traços semânticos refletem o conteúdo das elocuições, as quais são guiadas por tópicos relacionados a lugar.

Quadro 8 Predicação verbal

TIPO DE VERBO	INF. 1	INF. 2	INF. 3	INF. 4	INF. 5	INF. 6	INF. 7	INF. 8	INF. 9	INF. 10	INF. 11	INF. 12	INF. 13	INF. 14	INF. 15	INF. 16	TOTAL	%
V.I.	5	3	4	5	2	6	4	5	1	3	6	1	10	8	5	22	90	16,16
V.L.	1	4	6	4	0	3	1	3	1	1	1	0	1	13	2	16	57	10,22
V.T.A.	8	3	11	8	12	8	6	11	8	8	5	3	8	10	6	33	148	26,57
V.T.D.	5	5	17	26	12	19	11	30	8	10	12	4	12	23	22	35	251	45,06
V.T.D.I.	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0,18
V.T.I.	0	0	2	4	0	1	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	10	1,8
Total	19	15	40	47	26	37	22	53	18	22	24	8	31	54	35	106	557	100

Conforme se verifica no Quadro 8, foram identificados seis tipos de verbos: intransitivos, de ligação, transitivos adverbiais, transitivos diretos, transitivos diretos e indiretos e transitivos indiretos.

Os verbos transitivos diretos apresentaram o maior número de ocorrências, totalizando 45,06%. Em seguida, os verbos transitivos adverbiais, com 26,57%.

Isso se verifica nos exemplos a seguir:

- (24) "[...] A minha mãe trabalhava na Vale, na estação de minério e agora ela **tem** uma esmalteria em Ouro Preto [...]" [2FPABCST9].
- (25) "[...] Você leva, literalmente pra sua cozinha. Você não **recebe** na sala [...]" [4FSARMOS12].
- (26) "[...] Então tudo que ameaça o patrimônio aí **repercute**, né, na imprensa [...]" [15MSBSRAN35].
- (27) "[...] Ah, eu **you** na Cachoeira das Andorinha. Fico mais lá no meu bairro mesmo [...]" [1FPAMAS4].
- (28) "[...] Ah, eu queria **morar** no Sul [...]" [15MSBSRAN16].
- (29) "[...] Cê **tava** em Ouro Preto?" [...]" [5FPBSMSG26].

Já os verbos transitivos diretos e indiretos apresentaram o menor número de ocorrências, correspondendo a 1% do *corpus*.

A maior ocorrência de verbos transitivos diretos contraria a expectativa, já que as preposições introduzem os objetos indiretos. Todavia, frequentemente ocorre o objeto direto preposicionado, o que favorece a ocorrência da preposição. No que diz respeito aos verbos transitivos adverbiais, há um número significativo de ocorrências, já que seu complemento é geralmente introduzido por preposição.

Conforme se verifica na análise descritiva dos dados, neste capítulo, pode-se sintetizar que:

- A forma “na(s)” é a mais produtiva em todo o *corpus*, correspondendo a 34,11% dos dados. Em seguida, as formas “no (s)” e “em”, com 28,9% e 25,13%, respectivamente, lideram a sequência de formas mais realizadas.
- Embora tenham sido identificadas palavras pertencentes a todas as classes gramaticais antecedendo as formas em análise, além dos marcadores conversacionais e das ausências de palavras antes das formas, houve predomínio de verbos, advérbios e substantivos, correspondendo, respectivamente, a 33,05%, 22,44 % e 17,41%, e totalizando 72,9% das ocorrências.
- O traço semântico de lugar predomina sobre os demais, correspondendo a 67,5% das ocorrências. Conforme já mencionado, tal fato deve-se provavelmente ao

Questionário Sociolinguístico, cujo tema foi pautado na vida em Ouro Preto, o que favorece uma constante referência a lugares.

- Os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos adverbiais apresentaram o maior número de ocorrências, correspondendo, respectivamente, a 45,06% e 26,57%, e totalizando 71,63% das ocorrências.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS



Nesta pesquisa, analisamos o uso da preposição “em” e de suas formas contraídas com artigo ou pronome, assim como a forma “ni”. A coleta e a análise dos dados foram realizadas com base no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista. A amostra é constituída por 16 gravações de entrevistas sociolinguísticas concedidas por informantes nascidos no município de Ouro Preto (MG). Para fins de estratificação, foram considerados os seguintes fatores extralinguísticos: gênero, faixa etária e escolaridade.

A partir da análise dos dados, constata-se que a variação no uso da preposição “em” na comunidade de Ouro Preto é condicionada, sobretudo, por fatores linguísticos, já que fatores como predicação verbal, traço semântico e classe gramatical determinam o uso da variante canônica ou de sua forma contraída com outra palavra.

A forma “na(s)” é a mais produtiva em todo o *corpus*, correspondendo a 34,11% dos dados. Em seguida, as formas “em” e “no(s)”, respectivamente, com 28,9% e 25,13%, lideram a sequência de formas mais realizadas.

Embora tenham sido identificadas palavras pertencentes a todas as classes gramaticais antecedendo as formas em análise, além dos marcadores conversacionais e das ausências de palavras antes das variantes, houve predomínio de verbos, advérbios e substantivos, correspondendo, respectivamente a 33,05%, 22,44 % e 17,41%, e totalizando 72,9% das ocorrências.

O traço semântico de lugar, conforme se esperava, predomina sobre os demais, correspondendo a 67,5% das ocorrências. Conforme já mencionado, tal fato deve-se ao Questionário Sociolinguístico, cujo tema foi pautado na vida em Ouro Preto (MG), o que favorece uma constante referência a lugares nas elocuições.

Os verbos transitivos diretos e os verbos transitivos adverbiais apresentaram o maior número de ocorrências, correspondendo, respectivamente, a 45,06% e 26,57%, e totalizando 71,63% das ocorrências.

Quanto ao uso da variante “ni”, é importante salientar que este ocorreu apenas quatro vezes em todo o *corpus*, o que corresponde a 0,72% das ocorrências, contrariando a expectativa do projeto inicial de pesquisa, estando sua ocorrência registrada nas gravações em que o informante se porta de forma desinibida, não realizando o monitoramento linguístico comum em situações de entrevista.

A princípio, como de senso comum, propôs-se que a variante “ni” seria estigmatizada pela maioria dos falantes, sendo sua realização característica de falantes menos escolarizados. No entanto, nesta pesquisa, a variante foi realizada por informantes com formação superior e pertencentes à segunda faixa etária. Assim, mesmo que o uso da variante seja rechaçado por grande parte dos falantes, seu uso ocorre livremente.

Quanto à influência de fatores linguísticos, embora o número de ocorrências não possibilite uma análise contundente, é importante salientar que a preposição “ni” ocorreu junto a verbos transitivos diretos e junto a um verbo transitivo adverbial.

Sobre a possibilidade de uma mudança em progresso, os dados coletados mostram que ainda é cedo para pensar em tal possibilidade, já que a força normativa interfere fortemente no processo de incorporação de formas estigmatizadas no interior de uma dada língua. Pode-se, sim, afirmar que, de maneira sutil, existe co-ocorrência entre ambas as variantes.

Embora não haja ocorrências suficientes para aventar uma hipótese sobre os possíveis condicionadores do uso da forma “ni”, fica como indicação para futuras pesquisas o pressuposto de que essa variante é mais usada por falantes mais velhos, não estando seu uso relacionado ao grau de escolarização, mas, sim, à espontaneidade da elocução, conforme se observou nesta pesquisa. Esse aspecto, na verdade, impulsiona e abre caminhos para outras pesquisas, com um número maior de informantes, contemplando a zona rural e a zona urbana do município de Ouro Preto (MG).

REFERÊNCIAS



ALBUQUERQUE, Davi Borges de.; NASCIMENTO, Aurelie Marie Franco. O locativo ni na fala sergipana: uma interpretação à luz do contato de línguas. **Interdisciplinar – Revista de Estudos em Língua e Literatura**, Itabaiana, v. 19, n. 2, p. 99-110, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1315/1165>>. Acesso em: 25 out. 2013.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 15. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 42. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 36. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora?** . São Paulo: Parábola, 2006.

_____. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRANDÃO, Cláudio. **Sintaxe clássica portuguesa**. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

BRIGHT, William. As dimensões da Sociolinguística. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, Moema (orgs) Sociolinguística. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-23.

BUENO, Francisco da Silveira. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1958. p. 400-401.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática histórica: 2º grau e vestibulares**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1984.

CASTILHO, Ataliba T (Org.). **Historiando o português brasileiro – história das línguas: variedades, gramaticalização, discursos**. Blaubeuren: Universität Tübingen, 2003.

_____. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.

COELHO, Izete L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COHEN, Maria A. A., RAMOS, Jânia M. **Dialeto mineiro e outras falas: estudo de variação e mudança linguística**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

_____. et al. **Anais do 1º encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e memória**. Belo Horizonte: UFMG/Fale, 2010.

CORPUS DE FALA do Projeto Mineirês a construção de um dialeto: o mineirês Belo-horizontino. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>>. Acesso em: 3 dez. 2013.

CUNHA, C. Ni “em” = em casa de. *Ibérida*, Rio de Janeiro, n. 4, 1960.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERRARI, Lílian Vieira. Variação Linguística, Cognição e Redes Sociais. *Neue Romania*, Berlin, v. 39, p. 67-93, 2009.

FERRARI, Lílian Vieira. Variação e cognição: o caso das preposições locativas em e ni no português do Brasil. *Revista da ANPOLL*, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 121-133, 1997. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/261/274>>. Acesso em: 25 out. 2013.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Gramática sintética da língua portuguesa**. 7. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1955.

GONÇALVES, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e ce no português**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUY, Gregory R. **Linguistic variation in brasilianportuguese**: aspects of phonology, syntax and language history. Dissertation, University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26. ed. 17. reimp. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

HORA, Dermerval; TELLES, Stella; MONARETTO, Valéria N. O. Português brasileiro: uma língua de metátese? **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 178-196, set. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/2799/2138>>. Acesso em: 8 jul. 2014.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010*. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/pt/>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

IDE GEOMINAS – INFRAESTRUTURA DE DADOS ESPACIAIS GEOMINAS. Disponível em: ><http://www.ide.ufv.br/geominas/srv/br/main.home>>. Acesso em: 12 maio 2015.

LABOV, William. The social motivation of a sound change. **Word**, n. 19, 1963.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). **DELTA**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000100005&script=sci_arttext#nt07>. Acesso em: 10 maio 2014.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Orgs.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Marco A; VIEIRA, Sílvia R.; TAVARES, Maria A. (Orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 117-133.

PAES, Maria Bethânia Gomes. **A preposição *ni* em Vitória da Conquista: usos e avaliação do falante**. Dissertação (Mestrado em Estudo da Linguagem) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

PAIVA, Maria da Conceição. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004. p. 136-146.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERINI, Pedro. **Epistemologia cognitiva para o uso de preposições – o caso da preposição de**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: Secretaria Municipal de Educação – Prefeitura da Cidade do Salv. (Org.). *Pasta de textos da professora e do professor*. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. *Pesquisa de Demanda Turística*. Relatório mensal, junho/2014, Ouro Preto (MG). Disponível em: <http://www.ouopreto.mg.gov.br/portal_do_turismo_2014>. Acesso em: 20 maio 2014.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 41. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SANKOFF, David (Ed.). **Linguistic variation**: models and methods. New York: Academic Press, 1978.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. Verbos <transitivos adverbiais>: uma mera questão de rótulo? *Caligrama – Revista de Estudos Românicos*. n. 2, p. 117-124, 1983. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/124/75>>. Acesso em: 10 out. 2014.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

ZILLES, Ana, GUY, Gregory R. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

Observação: as fotos selecionadas para o trabalho são de minha autoria e foram registradas no primeiro semestre do ano de 2015. Segue a legenda, na ordem em que aparecem na dissertação: **1.** Museu da Inconfidência **2.** Passo da Ponte Seca **3.** Monumento em homenagem a Tiradentes **4.** Torre da Igreja de Nossa Senhora do Pilar **5.** Igreja São Francisco de Paula **6.** Vista do centro histórico a partir da Igreja de São José **7.** Rua São José **8.** Panorâmica da cidade de Ouro Preto **9.** Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS, Mariana (MG).

APÊNDICES



Esta seção apresenta a relação de todo o material complementar à dissertação *Um Estudo Sociolinguístico do Uso da Preposição “em” no Município de Ouro Preto (MG)*, o qual segue em CD apêndice.

Optou-se por compilar todo o material em uma só mídia, a fim de facilitar a análise por parte do leitor.

I – APÊNDICE A: Ficha do Informante utilizada na seleção dos sujeitos entrevistados para constituição do corpus.

II – APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual foi lido e assinado pelos sujeitos entrevistados.

III – APÊNDICE C: Áudio das entrevistas realizadas para constituição do corpus.

IV – APÊNDICE D: Transcrição das entrevistas realizadas para constituição do corpus.

V – APÊNDICE E: Catalogação das ocorrências, realizada para fins de análise dos dados.

VI – APÊNDICE F: Quadro geral com a descrição das ocorrências.